

2

PÁGINA

Pós-graduação e inovação em ciência e tecnologia

Luciana de Ávila Santos

Entrevista com José Arana Varela

3

PÁGINA

A felicidade de criar
Oscar D'Ambrosio

4

PÁGINA

Iniciativas na inovação
Vanderlei Salvador Bagnato e Luciane Meneguín Ortega

FÓRUM

Imagens 123RF



UNIVERSIDADE E INOVAÇÃO

Tema que tem recebido atenção crescente, a inovação volta a ocupar as páginas do caderno *Fórum*. Nesta edição, os especialistas enfatizam principalmente a importância do sistema universitário na consolidação de um processo inovador na sociedade brasileira. Nesse sentido, são analisados os casos de duas entidades com atividade expressiva no Estado de São Paulo e no país: as agências de inovação da USP e da **Unesp**. Outro assunto abordado são as propostas de incentivo ao mercado, como a criação do plano Inova Empresa, do governo federal, além

do apoio à formação de profissionais em nível de pós-graduação para atender à demanda por agentes que possam concretizar as mudanças necessárias. Também são focalizadas iniciativas como o “Programa Inovar”, idealizado e produzido pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da **Unesp**, que apresenta entrevistas com especialistas na área. E há, ainda, uma reflexão sobre o perfil das pessoas que devem liderar o impulso inovador nas organizações, como a inquietação constante e a capacidade de saber concretizar seus sonhos.



PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Luciana de Ávila Santos

Recentemente questionada sobre o cenário atual do Brasil no que se refere à inovação em ciência e tecnologia, respondi otimista que nosso país avança muito nessa direção. Ainda que com passos estreitos, o Brasil segue e apressa-se por se posicionar bem, pois hoje tem plena consciência de que a inovação está no centro da construção de vantagens competitivas: não basta apenas produzir, mas produzir de forma mais eficiente.

O Brasil inovador ainda precisa ser construído. O nosso histórico é de um país que pouco empreendia e inovava menos ainda, pois tinha como política importar matrizes prontas e/ou reproduzir modelos consagrados, uma vez que inovar implicava riscos econômicos que principalmente o setor privado não pensava em correr. A diferença entre o referido período e o momento atual reside, até certo ponto, em vantagens e garantias oferecidas através de programas inovadores elaborados pelo governo na tentativa de mudar a cultura empresarial e inseri-la em um ambiente mais cooperativo que envolva concomitantemente os diversos setores de produção, órgãos de fomento, universidades e, mais recentemente, as agências reguladoras do país.

Programas como o Inova Empresa são fundamentais

São leis e planos que modulam a capacidade de articulação necessária entre os centros de pesquisa e desenvolvimento (investimento forte em laboratórios e na capacidade científica), processos inovadores (focados em áreas estratégicas), e a formação de recursos humanos, que é o elemento chave no processo de inovação em ciência e tecnologia.

O que fazer então nessa fase de crescimento econômico do país que requer grandes investimentos em infraestrutura nas diversas áreas, para continuar a ser um atrativo para capital privado? A resposta está em programas como o das parcerias público-privadas, as PPPs, e o plano Inova Empresa do governo federal, que criou recentemente a Embrapii, Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial,

voltada para a temática de inovação. Essas entidades promovem contratos firmados entre um parceiro privado e o Estado para a criação, desenvolvimento e/ou manutenção de determinado serviço público ou novo produto, viabilizando principalmente a aproximação entre os dois setores.

De participação extremamente importante nessas parcerias e programas é a figura do profissional com formação especializada (mestrado e doutorado), capaz de dar andamento a tarefas estabelecidas em contratos. Portanto, um dos principais compromissos dessas entidades é, antes de tudo, o auxílio na formação e na valorização de recursos humanos. A Embrapii também surgiu para auxiliar as empresas a terem acesso a profissionais muitas vezes ainda nos programas de pós-graduação, sendo que os mesmos poderão ser absorvidos no seu quadro de funcionários. Neste aspecto, vale ressaltar que mudanças curriculares nos programas de pós-graduação ainda são necessárias, de maneira que permitam que o aluno realize parte dessa etapa de formação profissional atuando em empresas e indústrias. [...]

Inovação é um processo longo. Creio que já iniciamos e a tendência é passarmos a colher os frutos nos próximos anos e, impulsionados pelos resultados, nos sentiremos seguros em continuar seguindo em direção a essas parcerias, procurando cada vez mais utilizarmos dessas ferramentas poderosas que visam alavancar a economia do país. [...]

[...] Programas como o Inova Empresa e as parcerias entre governo e setor privado são fundamentais para elevar ainda mais a nossa condição de país em franco desenvolvimento, não somente através da maior e melhor produção, mas essencialmente através da produção de bens de maior valor agregado, mantendo esse ciclo importante que envolve educação de qualidade, alta produtividade, competitividade e desenvolvimento sustentável.

Luciana de Ávila Santos atua no Laboratório de Biodiversidade e Sustentabilidade do Câmpus do Litoral Paulista da Unesp, em São Vicente.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/pos-graduacao-e-inovacao-em-ciencia-e-tecnologia/>>.

UNESP TEM UMA DAS AGÊNCIAS MAIS PRODUTIVAS

JOSÉ ARANA VARELA
Por Cíntia Leone

"Mais difícil do que criar é fazer funcionar", afirma um dos idealizadores da Agência Unesp de Inovação (AUIN), José Arana Varela, ao lembrar os primeiros desafios da implantação da agência, que está completando cinco anos de atividade. O professor da Unesp em Araraquara, que atualmente é diretor-presidente do Conselho Técnico-Administrativo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), fala das transformações que a agência provocou na Universidade.

JORNAL UNESP: O que motivou a criação da AUIN?

JOSÉ ARANA VARELA: A Lei de Inovação [nº 10.973, de 2004] estabelecia a necessidade de que todas as instituições de pesquisa tivessem um NIT [Núcleo de Inovação Tecnológica], cuja função fundamental seria reportar para o Ministério de Ciência, Tecnologia & Inovação (MCTI) todas as ações de inovação. Assim, como pró-reitor de Pesquisa sob a reitoria do professor Marcos Macari (2005–2009), fui incumbido de planejar a instalação desse núcleo na Unesp.

JU: Como foram as primeiras aproximações com a indústria?

JOSÉ ARANA VARELA: Inicialmente, não havia uma cultura de proteção de tecnologias na Universidade e nem de aproximação proativa com o setor produtivo. Por isso, quando ainda funcionávamos em uma sala provisória no edifício da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp), contratamos a Fabíola Spiandorello como gerente de Propriedade Intelectual. Com o trabalho dela, a Universidade começou uma busca mais assertiva por parcerias com empresas, como a Unicamp já fazia.

JU: E a partir de quando a Agência começou a ficar consolidada dentro da universidade?

JOSÉ ARANA VARELA: Após cerca de dois anos, aquela estrutura provisória do núcleo deu lugar à agência propriamente dita. Agora, mais difícil do que criar é fazer funcionar. E quem me incumbiu de dar vida à AUIN foi o professor Herman Voorwald, que estava assumindo o mandato como reitor. Convidei para esse desafio a professora Vanderlan Bolzani, que já era da minha equipe na Pró-reitoria e hoje é a diretora da Agência.

JU: Que decisão o senhor acredita ter sido a mais importante desse período?

JOSÉ ARANA VARELA: Nossa primeira decisão, que foi sobre o quadro de funcionários. Concluímos que se estávamos criando uma agência para nos relacionar com o empresariado, não podíamos ter uma equipe



Equipe é ágil em negócio no ramo da tecnologia

puramente educacional ou acadêmica. Nossa preocupação foi prontamente entendida pelo então reitor Voorwald, e a comunidade começou a responder. Hoje, embora seja um time enxuto, a AUIN é uma das agências universitárias mais produtivas.

JU: Quais os pontos fortes da equipe da AUIN?

JOSÉ ARANA VARELA: Eles fazem bem o atendimento aos docentes, que é explicar para eles o que é ou não patenteável. Também criaram, junto com a equipe da Assessoria Jurídica da Unesp, um sistema de trabalho que permite ao reitor assinar todos os contratos da agência com total segurança. Mas o crucial é que eles sabem fazer a transferência, que é negociar com o empresário aquilo que é propriedade da Universidade. Quando se faz negócio no ramo de tecnologia, é necessário ter muita agilidade, e a AUIN tem.

JU: Como é a relação da Fapesp com as agências de inovação?

JOSÉ ARANA VARELA: Antes, toda transferência tecnológica que resultava de pesquisa financiada pela Fundação tinha que ser assinada pelos autores do estudo, pelo reitor, pela empresa e pelo presidente da Fapesp. O problema é que, quanto mais atores envolvidos na negociação, mais lento e burocrático fica todo o processo. Eu ainda era conselheiro da Fapesp quando propus retirar o órgão dessa função, o que deu origem à certificação dos NITs, uma condição que permite que, quando as agências universitárias apresentam comprovada competência, esses núcleos ganhem autonomia para fechar acordos e repassar posteriormente os royalties devidos à Fapesp.

JU: Os contratos de transferência podem se tornar uma fonte significativa de recursos?

JOSÉ ARANA VARELA: Não é objetivo da Fapesp gerar recurso para si própria em função das tecnologias desenvolvidas. É muito mais importante que aquilo que foi criado vá para o mercado, vire produto e gere riqueza para a sociedade.



A FELICIDADE DE CRIAR

Oscar D'Ambrosio

Realizado e produzido pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da Unesp, o "Programa Inovar" vem gerando uma série de entrevistas em vídeo, realizadas pelas jornalistas Cíntia Leone e Pamela Gouveia, que buscam, a cada edição, dar visibilidade às ideias de um especialista diferente sobre a temática da inovação.

Entre os pontos discutidos nas entrevistas, estão os mitos e verdades sobre inovação, conceitos, investimentos, oportunidades e perspectivas para a inovação no país e no exterior. A proposta tem alguns princípios importantes de serem compartilhados, pois mostram como inovar é um pensar associado a um fazer.

O primeiro tópico nessa caminhada é evidenciar como a decisão por inovar está vinculada a uma decisão clara: ter o foco claramente definido de que arriscar faz parte do jogo e que ganhar ou perder são consequências naturais. [...]

Além disso, simplificar sempre é melhor. Inovar é en-

Inovar se associa a fome de loucura e do desconhecido

contrar saídas e soluções onde as pessoas costumam ver labirintos e problemas. Nessa linha de raciocínio, os líderes de processos de inovação precisam estar preparados para assumir responsabilidades desde a criação até a consecução. Agir em equipe é importante, mas carisma na tomada de decisões é fundamental.

O inovar está também muito associado a atitudes. Talvez a mais importante seja a de ter a coragem de dar saltos. Quando se percebe que uma instituição ou mesmo uma trajetória profissional individual está ficando ultrapassada, há a necessidade de ter coragem de firmar bem os pés no chão e dar um salto.

Para isso, é mais importante pensar, num primeiro momento, no produto do que nos benefícios posteriores à imagem ou em termos financeiros. Se aquilo que se está fazendo tem conteúdo e qualidade, sobreviverá às dificuldades. [...]

Os inovadores têm, entre as suas características, uma que está muito associada aos vitoriosos na área esportiva: acreditar em si mesmos. Sabem e gostam de ouvir, mas são movidos por convicções, sendo a principal delas a transformação da realidade [...].

Nessa caminhada, um dado a ser levado sempre em conta é a imagem externa que se tem de uma empresa ou de uma pessoa. Se, por um lado, pesquisas apontam que um livro é, por muitos, julgado pela capa, apenas uma embalagem ou um discurso encantador não garantem êxito a um processo de inovação.

Talvez a explicação disso esteja exatamente no fato de que o inovar está associado ao incentivo à perfeição. Para se ter nota 10, é preciso ambicionar o 100. [...]

Trata-se, portanto, de considerar a inovação também como uma dinâmica que apresenta uma dimensão humana que nunca pode ser negligenciada. Ela demanda falar com as pessoas e deixar claro o que se espera delas e o que pode ser feito no cotidiano para atingir os objetivos traçados.

Tal postura exige dos líderes o conhecimento integral dos processos. [...]

Um dos maiores cuidados da inovação parece estar justamente na capacidade de combinar as Humanidades com as Ciências Exatas. Está aí uma máxima que vem desde o Renascimento, com figuras como Leonardo da Vinci [...].

A inovação, como mostram as entrevistas dos Programas Inovar, precisa ainda estar associada a uma fome de loucura e do desconhecido. Fazer mais do mesmo não é ser inovador. Também de pouco adianta sonhar sem fazer ou ser um fazedor que não sonha. [...]

Pular para o futuro demanda, ao que tudo indica, associar o que se deseja fazer com aquilo que efetivamente pode ser feito, sem abrir mão dos sonhos, mas encontrando alternativas para torná-los exequíveis. Isso demanda uma certa infelicidade com o mundo circundante. Somente assim a felicidade de criar e de inovar permanece.

Oscar D'Ambrosio é doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp e assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp.

Para assistir às entrevistas, coloque "Programa Inovar" no sistema de busca do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/>>.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/porta/#/debate-academico/a-felicidade-de-criar/>>.



INICIATIVAS NA INOVAÇÃO

Vanderlei Salvador Bagnato e Luciane Meneguim Ortega

Todo mundo sabe que inovação é uma palavra que se tornou comum e que vem sendo amplamente reconhecida como um dos principais fatores que impactam positivamente a competitividade e o desenvolvimento econômico. As empresas sabem que é necessário inovar para sobreviver num mundo dinâmico como o atual, onde os produtos não apenas mudam em relação a sua concepção, mas também em seus aspectos funcionais. Sob a ótica temporal, muitos países descobriram isso há várias décadas, mas o Brasil somente há poucos anos. [...]

Partindo do entendimento de que inovação é o conhecimento sendo incorporado em produtos, processos ou metodologias que tornem a socie-

Universidade e empresa devem desenvolver princípio da semente até colheita da inovação

dade mais viável ao se difundirem no mercado comercial, a universidade, como local gerador de conhecimento, possui papel preponderante nesse cenário. Ela deixa, agora, de ser unicamente um local para formação de recursos humanos e administração de cursos, para se tornar modeladora de comportamento e de habilidades para o desenvolvimento da inovação. Nesse âmbito estão os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), resultado da promulgação da Lei da Inovação 10.973, regulamentada pelo decreto 5.563, de outubro de 2005, dispendo sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo.

Na Universidade de São Paulo, quem cumpre esse papel é a Agência USP de Inovação. Formalizada no ano de 2005, ela é responsável por gerir a política da inovação para promover a utilização do conhecimento científico, tecnológico e cultural produzido na universidade em prol do desenvolvimento socioeconômico sustentável do

Estado de São Paulo e do país. [...] Estando dentro da academia e pertencente a uma instituição pública, há características específicas a serem seguidas através da atuação da Agência. Se, por um lado, o lucro da inovação não é necessariamente da própria instituição, podendo ser da sociedade que ela serve, por outro lado ela deve ter certas características empresariais sem exageros ou determinação de ser apenas um escritório de negócios, ou serviço de propriedade intelectual. Certamente, uma Agência de Inovação dentro da USP não pode querer ser um escritório de patentes, é preciso ter todo o envolvimento acadêmico e entendimento da sistêmica de uso do conhecimento pelos diversos setores da sociedade. Dentro dessa filosofia, a Agência atua com um elenco de atividades distribuídas em cinco frentes, que são: ações para a comunidade acadêmica da USP (voltada para a valorização da atividade de inovação e estabelecimento dessa cultura como rotina no meio universitário); ações visando conexão com parceiros externos (forma de gerar a clientela para o conhecimento gerado no âmbito da USP, tendo a vertente educacional em todas as ações que visam conexão com parceiros externos); ações conjuntas com as iniciativas do Estado de São Paulo (através de identificação de necessidades de inovação e indução de ações); ações de inovação com responsabilidade social (aproximar a tecnologia gerada na universidade para resolução de algum problema que a sociedade enfrenta); e ações para melhoria da infraestrutura própria (buscando trazer, através da elaboração de projetos próprios, fomento externo para melhorias da infraestrutura própria de sua sede).

Sendo assim, vê-se que o princípio que move as ações da Agência USP de Inovação está no fato de que o ambiente acadêmico precisa ser um gerador de novas ideias em prol da sociedade. Cabe, principalmente, aos acadêmicos a geração de ideias, bem como a montagem de laboratórios e a produção de recursos humanos para a busca do conhecimento, seja esse de uso tecnológico imediato ou não. Mas fazer isso somente não basta. Quando a ciência está sendo produzida, consegue-se extrair dela uma pequena fração para que seja transformada em produto para suprir uma necessidade da sociedade brasileira e

criar riqueza econômica. Ambas são importantes, a geração e a aplicação do conhecimento, pois a inovação surge, então, das aplicações do conhecimento gerado nas instituições de ensino. Acredita-se, portanto, que o ambiente universitário é um ambiente onde não se geram produtos, geram-se ideias. E essas ideias são as sementes que, devidamente adubadas e cuidadas, levam às inovações.

Onde entram então as empresas? De forma simplificada, pode-se dizer que as três primeiras fases da inovação tecnológica, que vão desde a ideia até o protótipo, podem ser desenvolvidas, com sucesso, no meio acadêmico. Agora, as ações de pegar a prova de princípios, transformá-la em produto, encontrar o mercado e finalizar o processo da inovação devem ser feitas pela empresa. Assim, a universidade e a empresa devem ser parceiras, a fim de desenvolver de forma saudável o princípio da semente até a colheita da inovação.

Portanto, a universidade deve estar convencida de seu papel dentro do processo de inovação do país e deve entender, também, que inovação em nosso país vai além de “negócios”. É preciso criar a cultura, os clientes e mais ainda o hábito de olhar e aproveitar as oportunidades que surgem das pesquisas. A melhor infraestrutura do país para realizar a inovação está no meio acadêmico e deve ser aproveitada pelo setor produtivo. Claro que mecanismos para que isso ocorra de forma fácil devem ser estabelecidos. As empresas também devem ser melhor preparadas, com laboratório ou departamento de pesquisa e desenvolvimento, de modo a ser a ponte entre a empresa e a universidade, onde se torna necessária agora uma conjugação de esforços. A melhoria da inovação nas empresas brasileiras deve passar por um avanço radical. Isso, no entanto, não ocorrerá sem a massiva participação das universidades.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço: <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/inovacao/>>.

Vanderlei Salvador Bagnato e Luciane Meneguim Ortega são integrantes da equipe da Agência USP de Inovação.



2 Cedem consolidada-se como polo de documentação e pesquisa

11 Novo modelo explica por que Marte tem apenas 10% da massa da Terra

5 Substância obtida de bactéria elimina mosquito transmissor da dengue



jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXVIII • NÚMERO 303 • SETEMBRO 2014



LIVROS PARA NOVOS TEMPOS



Foto iStockPhoto | Fotomontagem Rodrigo Alves

Com o lançamento de obras em papel e em formato digital, a Editora Unesp encara os desafios de um mercado editorial em transformação, preocupada em atender à demanda de seus leitores, divulgar a produção dos docentes da Universidade e participar, por meio de publicações de qualidade, dos debates no cenário científico do país. **páginas 8, 9 e 10.**



7 Ação humana causa uma das maiores extinções de animais da história

12 Ranking de Xangai lista Unesp entre 400 melhores universidades do mundo

Universidade na inovação
A importância do sistema acadêmico para o avanço tecnológico da economia nacional



O Cedem e a preservação da memória social

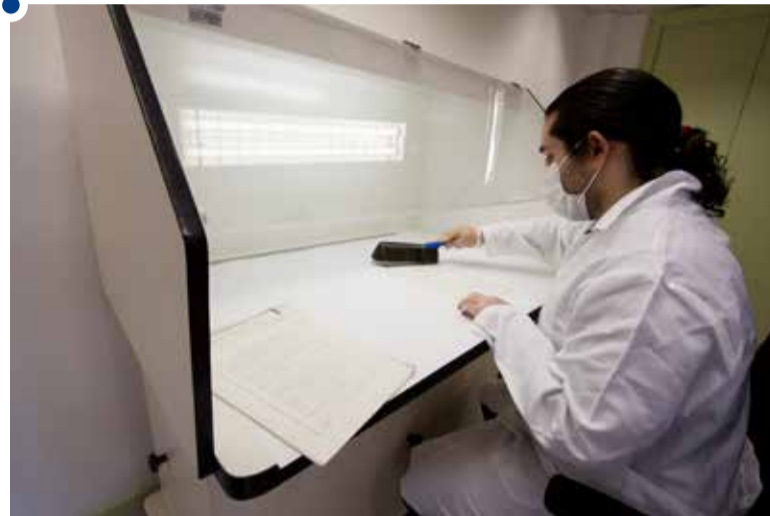
Com o mais importante acervo sobre as lutas sociais do século XX, Centro consolida-se na Universidade como polo de documentação e pesquisa

Antonio Celso Ferreira

Referência nacional na preservação da memória social e próximo de completar 30 anos, o Centro de Documentação e Memória da Unesp prepara-se para passos mais ousados, buscando enraizar-se na Universidade como polo de documentação e pesquisas em Ciências Humanas e áreas transdisciplinares.

Pela importância do seu acervo, nosso centro só é comparável a outros como o Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp) e o Centro de Pesquisa e Documentação de História (FGV, Rio de Janeiro). Ambos foram constituídos como projetos estratégicos das respectivas instituições, contribuindo de maneira decisiva para a qualificação dos seus cursos de pós-graduação e mesmo de graduação. O acervo do AEL, que reúne principalmente fontes dos movimentos anarquistas da Primeira República (1889-1930), foi fundamental para a renovação da historiografia e dos estudos de ciências sociais e políticas produzidos na Unicamp, com impacto nacional e internacional. O CPDOC, com suas coleções documentais relativas às elites políticas brasileiras (arquivos de presidentes da República como, por exemplo, de Vargas – 1930-1954 –, e dos governos militares pós-64 e outras fontes do poder federativo), angariou também grande reconhecimento no Brasil e no exterior.

O Cedem, concebido inicialmente como órgão dedicado à preservação da memória da Universidade, transformou-se desde a década de 1990 em centro de memória social, quando passou a receber importantes acervos dos movimentos sociais brasileiros na República, particularmente das organizações comunistas, socialistas e anarquistas, além de documentos das lutas sindicais no campo e na cidade, feministas, dos movimentos negros e outros. Atualmente, reúne a maior e mais importante coleção de periódicos, cartazes



Limpeza de documentos: instalações vêm sendo reorganizadas



Cartazes: coleção recebeu contribuição de movimentos sociais

e documentos textuais das lutas sociais do século XX, amplamente pesquisada por estudiosos brasileiros e estrangeiros. Apesar dessa importância, tem sido pequena a participação de pesquisadores da própria **Unesp** em seus arquivos.

Nos últimos três anos, elegemos como prioridade a reorganização do Cedem, com o objetivo de integrá-lo aos demais centros de documentação da **Unesp**. Durante esse período, suas instalações foram reformadas e hoje contam com ambientes apropriados para a conservação do acervo, salas para o atendimento aos pesquisadores e de projetos de pesquisa, além de um auditório para eventos. Constituímos também um Conselho Consultivo formado por docentes de vários câmpus da **Unesp**, envolvidos em atividades congêneres. Temos

a expectativa de instalar, em breve, sala de videoconferência para reuniões e um link que permita a transmissão de nossos debates e atividades culturais, sempre muito concorridos, a toda a comunidade universitária. A localização privilegiada do Cedem na Praça da Sé, em São Paulo, concorre para o sucesso dessas atividades, que possibilitam estender o conhecimento produzido na Universidade para estudantes e profissionais dos diversos níveis e áreas de atuação. É justo que esses debates científicos, acadêmicos e culturais sejam também acompanhados pelas demais unidades da **Unesp**.

Nesses anos, com recursos da Fapesp, do FNDE e do PDI/Unesp, avançamos na digitalização das coleções de fontes e na implantação de medidas de proteção aos documentos digitais, atingindo uma marca



Acervo: pesquisas de especialistas do país e do exterior

considerável do conjunto. Nossa meta mais importante, contudo, será brevemente alcançada com a implantação de um novo Sistema de Gestão dos Acervos Permanentes, criado pela equipe do Cedem e executado por docentes e alunos do curso de Informática do Câmpus de Presidente Prudente. O novo sistema, além de permitir a consulta dos documentos por qualquer pesquisador em seu ambiente de trabalho, poderá ser utilizado pelos demais centros de documentação e museus da universidade.

A rede facilitará o estabelecimento de intercâmbios no conjunto da **Unesp**, por meio da criação de linhas de pesquisa e programas de estágio em torno do nosso acervo. Estamos convencidos de que a implantação dessa rede virtual poderá contribuir para renovação e aprimoramento

das pesquisas de iniciação científica e de pós-graduação dos cursos de Ciências Humanas – História, Ciências Sociais, Geografia, Jornalismo, Ciências da Informação, Letras e outros –, tendo em vista o fato de que muitos deles não têm acesso a fontes originais de pesquisa. Desse modo, o Cedem poderá se consolidar como um centro aglutinador dos projetos de preservação e pesquisa da memória social em toda **Unesp**.

Antonio Celso Ferreira é coordenador do Centro de Documentação e Memória da Unesp.

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://goo.gl/GGRaoK>>.

Fotos Daniel Patire

Dimensão cultural de um centro de pesquisa

Historiador destaca importância do Cedem e analisa relação entre política e música popular

Oscar D'Ambrosio

Em agosto, Marcos Napolitano participou, no Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem), do evento "A cultura e as artes no regime militar: 50 anos do golpe". Essa participação foi mais um exemplo do relacionamento consistente que o professor de História do Brasil Independente da USP mantém com o Centro, cujo acervo ele já utilizou em diversas pesquisas. Atualmente, Napolitano é docente-orientador no Programa de História Social da USP e professor visitante do Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL), da Universidade de Paris III. Atua também como assessor *ad-hoc* da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Especialista no período do Brasil Republicano, desenvolve principalmente estudos sobre o regime militar e a história da cultura, com ênfase nas relações entre música popular e política. Possui, ainda, experiência na área das relações entre história e cinema e no uso do audiovisual no ensino.

Jornal Unesp: Qual é a sua relação com o Cedem?

Marcos Napolitano: Costumo dizer que os debates que ocorrem no Cedem são parte do calendário acadêmico e cultural de São Paulo. Têm relevância cultural, são de excelente qualidade e reúnem uma audiência significativa, com o auditório geralmente lotado. São ótimas experiências, das quais participei como público e como convidado. Como pesquisador, considero o Cedem uma referência em documentos de movimentos de esquerda e já tive a oportunidade de consultar cartazes, panfletos, relatórios e atas de reuniões, tendo inclusive utilizado material do Centro, em minha área, História da Cultura, em pesquisas sobre resistência cultural envolvendo movimentos sociais de esquerda.

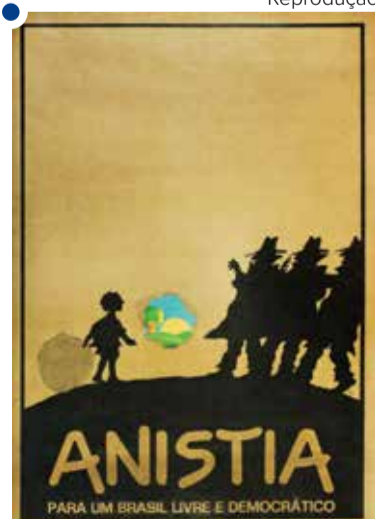


Cartazes feitos durante a ditadura: pesquisador analisa resistência cultural no período

JU: Qual foi a sua fala no evento realizado em agosto, ao tratar da cultura e das artes no regime militar?

Napolitano: Buscamos, na mesa, junto com os colegas Marcelo Ridenti, da Unicamp, e Rodrigo Czajka, da Unesp de Marília, enfatizar a resistência cultural com várias abordagens. Trata-se de um período que vem apresentando muitas revisões e complementos na historiografia recente. Isso ocorre não só pela abertura de arquivos, mas pela pluralidade de temas a serem trabalhados. Muito tem sido feito

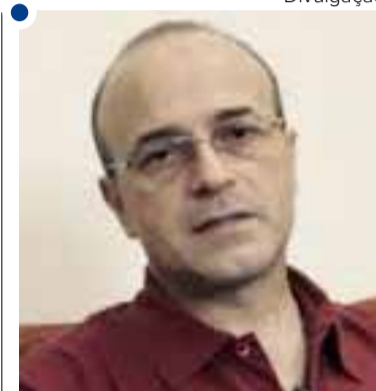
a partir dos anos 1990 sobre música, literatura, cinema e artes plásticas, mas é preciso ainda pesquisar mais a participação de intelectuais de direita no regime militar, assim como a relação entre artistas de esquerda e o mercado. Os artistas que estão fora dos cânones, além de Chico Buarque, Nara Leão ou Elis Regina, são trajetórias específicas que podem ser estudadas. Existe campo para adensar o que já foi dito, sem repetir o que já foi dito, mas realizando revisões críticas e novas abordagens.



Época da regime militar passa hoje por revisões



Reprodução



Divulgação

Segundo Napolitano, MPB ganhou espaço estratégico no mercado

três filmes: *Tudo azul*, de 1951, de Moacyr Fenelon; *Aguilha no palheiro*, de 1952, de Alex Viany; e *Rio Zona Norte*, de 1957, de Nelson Pereira dos Santos. O desafio dessas obras era fazer filmes que agradassem ao público sem ser escapistas, incorporando o tom social do neorealismo italiano. A questão era conciliar a temática da conscientização fazendo algo de gosto popular que funcionasse como diversão para as massas. O projeto, nesse fio da navalha, não deu certo e foi enterrado pelo Cinema Novo.

JU: Sem ser no cinema, essa ambiguidade deu certo?

Napolitano: Na Música Popular Brasileira, a MPB, foi possível atingir, com uma produção de conteúdo de esquerda, o mercado das classes populares. A arte de resistência venceu as barreiras do consumo, chegando às classes trabalhadoras. Acredito que o limite é dado muito mais pela estrutura do consumo num determinado período do que pela estrutura da obra em si mesma. A MPB foi, nos anos 1950 e 1960, um espaço de afirmação de uma crítica cultural e política, mas também, um mercado. Não era apenas resistência ou mera concessão ao bom gosto. Os festivais da canção foram momentos fulcrais dessa transformação. Não dá para concluir que o mercado matou a MPB ou que a MPB se vendeu ao mercado. O que ocorreu é que a MPB foi ganhando espaço estratégico no mercado.

JU: A cultura perdeu hoje o poder de mobilização que tinha há 50 anos?

Napolitano: Trata-se de um outro tipo de mobilização. A cultura perdeu o papel de mobilizar a classe média. Os estudantes eram os produtores de arte nos anos 1950 e 60. Hoje, eles são consumidores. Vive-se um outro momento histórico, com outra indústria cultural. A cultura mudou de lugar. Nas periferias, a juventude dá à cultura, via manifestações como hip-hop, rap e saraus literários, um papel central. Ela mudou de espaço e de bases estéticas. Não se pode esquecer que, sem uma atividade cultural intensa, a vida de um país fica medíocre.

JU: Quais são seus projetos mais recentes envolvendo a cultura e as artes?

Napolitano: Encerrei recentemente um projeto sobre o cinema dos anos 1950 em que trato do que denomino "chanchada comunista", melodramas e musicais populares feitos por cineastas ligados ou simpatizantes ao Partido Comunista. Analiso

Ideias na esfera social

Evento no Cedem reúne defesa de teses e debate sobre manifestações de junho de 2013

Daniel Patire

Fotos Daniel Patire



Encontro discutiu questões como o retorno dos protestos ao cenário político brasileiro

As manifestações que sacudiram o Brasil em junho de 2013, o pensamento do cientista social e filósofo alemão Jürgen Habermas e a trajetória da revista inglesa *New Left Review* parecem assuntos distantes entre si. No entanto, esses temas se encontraram no dia 7 de agosto, na sede do Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem), na Praça da Sé, em São Paulo, capital. Eles foram o foco das discussões da "Jornada Cedem: Espectros – Interpretação do mundo das ideias e transformação da ideia de mundo".

O evento envolveu o lançamento do livro *As jornadas de junho – Os significados do retorno das manifestações de massas no Brasil*, organizado por Maurício Gonçalves, doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Câmpus de Araraquara. E contou ainda com a defesa de duas teses. Também integrante do programa de Araraquara, Roberto della Santa apresentou seu doutorado sobre a *New Left Review*. Ligado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Câmpus de Marília, Marcelo Lira debateu sua tese sobre as ideias habermasianas. Orientados por Marcos Del Roio, professor da FFC, ambos foram aprovados.

PENSANDO EM JUNHO

O livro *As jornadas de junho* (192 páginas, produzido pelo

Projeto Espaço Socialista) traz artigos e ensaios sobre os protestos ocorridos ao longo de sete dias em cidades de todo o país, com reivindicações que iam da oposição ao aumento das passagens de ônibus à crítica dos gastos com a Copa do Mundo. Os textos foram elaborados no segundo semestre de 2013 por membros de movimentos sociais e de organizações da sociedade civil, além de pesquisadores de diferentes universidades.

Três deles são de autoria de pesquisadores da Unesp de Araraquara: além da apresentação feita por Gonçalves, a professora Silvia Beatriz Adoue redigiu "Vai encarar?", e a docente Maria Orlanda Pinassi escreveu "Da democracia formal à radical". "Independentemente de suas visões ideológicas, os autores

entendem que é necessário realizar a crítica do mundo tal qual ele está e também transformá-lo", esclareceu o organizador.

No debate sobre o livro no Cedem, Del Roio acentuou que os protestos de junho confirmaram a existência de um descontentamento social difuso. "A manifestação ocorreu de modo espontâneo e sem direção política e ideológica mais clara e por isso mesmo pareceu tão heterogênea e mesmo contraditória", disse o professor da FFC.

Valério Arcary, professor do Instituto Federal de São Paulo, também ressaltou a falta de liderança das manifestações. "Os protestos eram acéfalos, por não terem quem os orientasse. E, por isso, não tiveram maiores desdobramentos", afirmou. Contudo, segundo Arcary, com uma pequena orientação dos sindicatos, aquele movimento terminou por motivar a maior greve em 25 anos no país, reunindo 3 milhões de trabalhadores, no dia 11 de julho.

Já para a professora Silvia, que participa do livro, as contradições expressas nos protestos são frutos da dificuldade de se reconstruir os laços de confiança entre os manifestantes, depois de quase 20 anos sem grandes mobilizações no país. Para ela, as organizações tradicionais, como os sindicatos e partidos, ficaram "na rabeira das lutas". "Essas organizações perderam seus vínculos com a classe trabalhadora. E essa ligação e a confiança necessária se constrói na luta presente."



Obra traz textos de lideranças sociais e pesquisadores

Mudanças de visão

Um dos pensadores hoje mais influentes no Brasil, Jürgen Habermas elaborou uma longa teoria sobre a emancipação do homem por meio da efetivação da democracia. De acordo com a tese de Lira, para superar os problemas teóricos e práticos para se alcançar uma democracia plena, o alemão volta seu foco de estudo na linguagem para a construção da razão comunicativa, pela qual seria possível o consenso. No entanto, nesse percurso, Habermas vai se afastando da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, à qual inicialmente se vincula. A partir de uma análise de 30 anos da obra do cientista social, Lira vê nesse afastamento uma proposta de reforma na sociabilidade por meio da linguagem e, assim, de um novo contrato social.

"Ao propor uma nova forma de sociabilização, ele apresenta a política como um campo de consenso, ao contrário da visão

que a coloca como um ato de violência, contra a liberdade das massas, e determinado por seu tempo histórico-social", analisou. A banca avaliadora foi formada pelos professores Gabriel Cohn, da Unifesp; Jorge Grespan, da USP; e Antonio Carlos Mazzeo e Anderson Deo, ambos da FFC.



Lira analisa mudança nas ideias de Jürgen Habermas

Divulgação da ideia

A tese de Della Santa focou a *New Left Review*, fundada em 1960 e ainda hoje editada como um veículo do pensamento de intelectuais marxistas, como os historiadores Edward Thompson, Perry Anderson, Robin Blackburn, Eric Hobsbawm. O autor discute a noção de jornalismo integral formulada pela revista. Segundo ele, esse jornalismo teria uma função educativa e de organização dos trabalhadores, vinculando-se ao cotidiano das massas. Nessa perspectiva, a linguagem também se torna ponto fundamental na discussão, ao ser imprescindível para a tradução de conceitos e ideias para uma forma de expressão que leva em conta as identidades nacional-populares. "Apresenta-se, assim, a Língua Franca, que poderá ser usada pelo marxismo mundial", destacou Della Santa. Para ele, essa língua envolve um processo de tradução que

dialogue diretamente com cada classe, povo ou cultura na busca de um movimento de transformação social universal. O trabalho foi avaliado pela banca composta pelos professores Arcary, Silvia, Ruy Braga, da USP, e Luiz Fernando da Silva, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Câmpus da Unesp de Bauru.



Trajetória da *New Left Review* foi o tema de Della Santa

Solução contra a dengue

Equipe de Rio Claro produz substância retirada de bactéria que elimina larvas e mosquitos adultos transmissores da doença, além de funcionar como repelente

Edneia Silva

Muitos são os estudos em busca de um produto eficiente para o controle do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue. Num avanço importante nessa área, especialistas do Instituto de Biociências (IB), Câmpus da **Unesp** de Rio Claro, encontraram uma substância 100% natural que mata o mosquito tanto em estágio de larva como na fase adulta, além de funcionar como repelente.

A descoberta foi feita pelo pesquisador Vinicius Luiz da Silva, em uma parceria entre os laboratórios dos professores Jonas Contiero, do Departamento de Bioquímica e Microbiologia, e Claudio José Von Zuben, do Departamento de Zoologia do IB. Von Zuben estuda há sete anos a biologia do mosquito, a fim de implantar estratégias para seu controle.

O resultado foi obtido por meio do uso da substância ramnolipídio, um metabólito microbiano oriundo da bactéria *Pseudomonas aeruginosa* LBI, associada a solos contaminados



Em seu laboratório, o professor Von Zuben realizou testes que confirmaram eficácia de produto contra larvas (à dir.)



Fotos reprodução

por petróleo. A bactéria foi encontrada pela equipe do professor Contiero, do Laboratório de Microbiologia Industrial da **Unesp**, que há 17 anos realiza pesquisas nessa área.

A substância foi testada no Laboratório de Entomologia, sob responsabilidade do professor Von Zuben, e o resultado foi animador. O ramnolipídio conseguiu eliminar as larvas do *Aedes aegypti* e também o mosquito adulto.

EFICÁCIA

As larvas ficam submersas na água e precisam subir à superfície para respirar. O que mantém as larvas na superfície é a tensão da água. A substância quebra essa tensão impedindo a respiração das larvas, que morrem. Com relação ao mosquito adulto, a aplicação do produto quebra a parede externa de proteção do corpo, levando-o à morte.

O sucesso nesses dois casos levou os pesquisadores a avaliar

o ramnolipídio como repelente. Os testes foram feitos com ratos brancos anestesiados. O animal com a substância borrifada no corpo conseguiu repelir o mosquito, enquanto aquele que estava sem o produto foi picado. Ou seja, o ramnolipídio comprovou eficácia como biodetergente, inseticida e repelente.

No momento, 10 miligramas da substância custam cerca de R\$ 1.500. “O grande desafio é continuar os estudos e tentar

otimizar a produção, tornando-a mais rápida e mais barata para a exploração comercial”, declara Von Zuben.

Enquanto o novo inseticida não chega ao mercado, a única forma eficiente de controle é a eliminação dos criadouros do mosquito. O inseto tem-se adaptado ao clima e ao meio e conseguiu se reproduzir mesmo em condições adversas, como a falta de chuva e a oscilação de temperatura. (Leia reportagem abaixo.)

O *Aedes aegypti* se adapta

Inseto consegue viver mais tempo e picar um maior número de pessoas

Está cada vez mais difícil combater o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue. A doença, que tinha picos de transmissão apenas nos meses de chuva e calor, agora apresenta transmissão praticamente contínua, sem interrupção nos períodos de seca e frio, como acontecia antes.

Para Cláudio José Von Zuben, professor do Departamento de Zoologia da **Unesp** de Rio Claro, o mosquito se adaptou ao clima e está conseguindo se reproduzir e sobreviver em condições adversas. “O mosquito somente era encontrado em água limpa; hoje pode ser encontrado em água não tão limpa”, explica.

O pesquisador observa



Wikipedia

Ação do mosquito ocorre em praticamente todos os meses do ano

que este ano está sendo atípico em termos climáticos, porque não choveu o volume esperado. Mesmo assim, em pleno inverno, os casos de dengue continuam ocorrendo, já que o frio intenso

não veio e o clima oscila entre baixas e altas temperaturas. Com isso, o mosquito consegue viver mais tempo e picar um maior número de pessoas. “Quanto mais quente o ambiente, mais rápido

seu desenvolvimento e maior o seu tempo de vida”, destaca Von Zuben.

O professor ressalta que a adaptação do *Aedes aegypti* ao meio pode produzir linhagens mais fortes. Ainda não existe uma explicação concreta para o fato. Porém, Von Zuben não descarta a possibilidade de o uso excessivo e insistente de inseticidas contribuir para o fortalecimento da espécie. Por isso, a nebulização para diminuir a população adulta do mosquito tem que ser feita com rigoroso controle, tanto para evitar indução à resistência do inseto como para a preservação de outras espécies afetadas pelo veneno.

O método mais eficiente de combate a essa ameaça continua sendo a eliminação dos criadouros. “Se não tiver

criadouro, não tem mosquito”, ressalta o pesquisador, lembrando que a população é parte importante nas ações de combate, já que em algumas localidades cerca de 80% dos criadouros estão dentro das residências.

Todo cuidado é pouco, pois existem quatro tipos do vírus da dengue em circulação no Brasil. A pessoa que pegou um tipo fica imune apenas em relação a esse sorotipo, podendo contrair os outros três. O pesquisador alerta que, na segunda infecção pelo vírus da doença, o sistema imunológico pode ter uma reação exacerbada, levando ao quadro hemorrágico da moléstia, com sintomas mais graves do que a dengue clássica. (ES)

Prevenção da catarata infantil

Projeto aprovado pelo SUS prevê criação de rede de centros especializados no tratamento das crianças e capacitação de equipes para identificar a doença

Leandro Rocha, Assessoria de Comunicação e Imprensa da FM/Unesp

Um projeto do médico oftalmologista Antônio Carlos Lottelli Rodrigues vai dar nova configuração ao serviço prestado a crianças que sofrem de catarata infantil no Estado de São Paulo. Um dos principais estudiosos da doença no país, o professor da Faculdade de Medicina (FM) da Unesp de Botucatu elaborou uma proposta de reorganização do fluxo de atendimento desses pacientes que foi aprovada pelo Programa de Pesquisa para o SUS – gestão compartilhada em Saúde (PPSUS) – Edital 2013.

O projeto envolve seis centros especializados, que receberão os pacientes com suspeita da doença. Integram essa “linha de cuidado” o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB), a USP – Ribeirão Preto, a USP – São Paulo, a Unicamp, a Unifesp e a Santa Casa de São Paulo. A iniciativa – o terceiro trabalho de Lottelli selecionado pelo PPSUS – tem também a participação da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Pela proposta, o Estado será dividido por regiões e esses centros servirão de retaguarda



ACI – FM

O professor Rodrigues analisa paciente: proposta vai também mapear exames feitos no Estado

para o atendimento de crianças já avaliadas por outros dois profissionais: o pediatra, que, por meio do “teste do olhinho”, realiza o primeiro diagnóstico e, se houver suspeita, encaminha o paciente para um oftalmologista do serviço estadual mais próximo. Caso o diagnóstico

de catarata seja confirmado, a criança é encaminhada a um dos centros de sua região.

O teste do olhinho avalia se o bebê identifica um reflexo vermelho que aparece quando um feixe de luz ilumina o seu olho. Se a criança enxerga o reflexo, não apresenta nenhum

obstáculo ao desenvolvimento da sua visão.

Por meio do projeto, médicos pediatras e equipes das redes básicas de saúde do Estado serão capacitadas para identificar precocemente a catarata infantil. “Esse projeto servirá, também, para que seja feito um

mapeamento de quantos exames realmente são feitos no Estado e ainda para sabermos qual é, de fato, a incidência da doença”, destaca Lottelli.

O Hospital das Clínicas da FM dispõe, desde 2007, de um serviço especializado – um dos mais bem equipados do Brasil – para o tratamento de crianças com catarata. A estrutura foi adquirida por meio de outro projeto de autoria do professor da Unesp aprovado pelo PPSUS.

O QUE É CATARATA INFANTIL?

A catarata faz com que o cristalino, a lente natural localizada dentro do olho para focalizar os objetos, torne-se mais opaco. Isso causa uma baixa na qualidade da visão, que geralmente só pode ser melhorada por meio de cirurgia.

Esse mal afeta principalmente idosos, mas, quando acomete crianças, assume maior gravidade pois, se não for tratado rapidamente, pode levar ao surgimento de uma ambliopia, que é uma falha no desenvolvimento da capacidade de enxergar.

Obesidade pode afetar massa óssea de jovens

Estudo sugere que excesso de peso está relacionado a redução da densidade óssea e outros males

O excesso de peso entre crianças e jovens pode aumentar as chances do surgimento de males como osteoporose e doenças cardiovasculares. Um estudo realizado na Faculdade de Medicina, Câmpus da Unesp de Botucatu, com 271 adolescentes entre 10 e 16 anos, considerados com sobrepeso, obesos e superobesos, constatou que 14% dos pesquisados apresentavam síndrome metabólica (MetS) e diminuição significativa na densidade mineral óssea (DMO).

O estudo integrou a dissertação de mestrado da aluna Valéria Nóbrega da Silva, orientada pela professora Tamara Beres Lederer Goldberg. Responsável pela disciplina de Medicina do Adolescente do Departamento de



ACI – FM

Grupo de Botucatu investiga saúde de adolescentes

Pediatria da FM, Tamara coordena um grupo de estudos voltado para a compreensão da saúde dos adolescentes.

A síndrome metabólica pode ser definida como um conjunto de fatores de risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares e diabetes mellitus tipo II. No caso

dos adolescentes analisados, a densidade mineral óssea foi avaliada em quatro locais recomendados: coluna lombar, fêmur proximal total, corpo total e subtotal.

“Nossos resultados sugerem que adolescentes com excesso de peso e presença de síndrome metabólica apresentaram menor

densidade mineral óssea”, esclarece Tamara. “Dentre os componentes da síndrome, a circunferência abdominal revelou-se fator determinante para a redução da DMO.”

OSTEOPOROSE

O incremento de massa óssea abaixo do esperado para adolescentes aumenta a probabilidade de doenças como a osteoporose. Em estudos da equipe da FM divulgados anteriormente, observou-se que, entre os adolescentes do sexo masculino, o período de maior ganho de massa óssea ocorre entre 14 e 15 anos. Já nas adolescentes, essa fase chega antes, entre 13 e 14 anos, quando geralmente acontece a primeira menstruação e diminui o ritmo de crescimento em altura.

Pesquisa realizada anteriormente e divulgada no periódico internacional *Nutrition* rendeu uma reportagem publicada no jornal *Chicago Tribune*, em dezembro de 2013, resultado de uma entrevista com a professora Tamara no site <about.com>. (LR)

Leia a entrevista de Tamara Goldberg
<<http://goo.gl/e5OzUV>>.

Leia o artigo científico Síndrome Metabólica reduz a Densidade Mineral Óssea de Adolescentes
<<http://goo.gl/uoq9oQ>>.

Mais informações no site da Sociedade Internacional de Densitometria Clínica
<<http://goo.gl/T2r8k9>>.

Impacto animal

Artigo com estudiosos de vários países alerta que atividade humana está levando a uma rápida diminuição das populações de vertebrados e invertebrados do planeta

A influência da atividade humana sobre o planeta vem sendo tão intensa que Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química, criou o termo Antropoceno, para designar uma nova era geológica, produzida pelo homem. A duração desse período pode variar de centenas a poucos milhares de anos, segundo o critério dos especialistas, mas todos estão de acordo que nele está ocorrendo uma dramática mudança do ambiente na Terra.

Essa convicção recebeu mais um apoio, com um artigo publicado no final do mês de julho na revista *Science*, de autoria de Mauro Galetti, professor do Instituto de Biociências (IB) da Unesp, Câmpus de Rio Claro, e de pesquisadores dos EUA, México e Reino Unido. O texto ressalta que o mundo está passando por uma das maiores extinções de animais já vistas, processo que os autores chamam de “defaunação”.

A mídia e o público leigo conhecem bem o termo “desmatamento”, que é a perda de áreas de floresta, mas pouco sabem sobre os efeitos da defaunação. Enquanto imagens de satélite podem detectar mudanças rápidas da cobertura vegetal, por exemplo, a perda da fauna é um evento que passa despercebido pelos órgãos de proteção ambiental.

“Nosso trabalho alerta sobre a rápida diminuição das populações de vertebrados e invertebrados no planeta e suas consequências para o bem-estar da humanidade”, explica Galetti, docente do Departamento de Ecologia do IB. “Por que precisamos salvar os animais? Porque eles fornecem serviços ambientais imprescindíveis à sobrevivência da nossa própria espécie, não apenas porque são ‘bonitinhos’”, complementa.

No estudo da *Science*, os cientistas enfatizam que, a partir do final da Era do Gelo, há aproximadamente 10 mil anos, a sobrevivência dos grandes animais vem sendo afetada. A equipe assinala que, desde o início das navegações, o ser humano levou à extinção 322 espécies de vertebrados,



Fotos divulgação

Fenômeno em nível planetário tem piores efeitos entre grandes animais, como a anta

enquanto as populações das espécies restantes registraram 25% de declínio médio em abundância, fenômeno que afetou principalmente os animais de grande porte, como elefantes e onças.

Na avaliação dos autores, apenas as espécies pequenas, como camundongos, gambás

e ratos, sobreviverão. Isso também não quer dizer que os invertebrados – de insetos e aracnídeos até crustáceos – não são afetados por esse processo. Pelo contrário: a redução da abundância de invertebrados tem sido mais severa ainda, de 35% nos últimos 40 anos.

Os pesquisadores advertem

que as consequências da defaunação prejudicam o próprio ser humano, e apontam alguns exemplos:

– Polinização: insetos polinizam 75% da produção agrícola do mundo e a redução na fauna de abelhas e outros polinizadores pode afetar a produção de alimentos.

– Controle de pragas: morcegos e aves controlam pragas agrícolas. Nos Estados Unidos, o papel desses predadores na agricultura tem um valor estimado em 45 bilhões de dólares por ano.

– Ciclagem de nutrientes e decomposição: invertebrados, como minhocas, e vertebrados, como urubus, têm um papel importante na decomposição orgânica e na ciclagem de nutrientes, que beneficiam as plantações.

– Qualidade da água: O declínio de sapos e pererecas aumenta as algas e detritos, reduzindo nutrientes.

– Saúde pública: a defaunação afeta a saúde humana de diversas maneiras, provocando desde o aumento da desnutrição no mundo até a diminuição no controle da transmissão de doenças.

Galetti explica que a maioria dos pesquisadores analisa os efeitos humanos sobre a extinção de espécies em sua totalidade, enquanto o grupo que ele integra prefere focar a extinção local de populações de animais. “A extinção de uma espécie tem um grande impacto, e a redução das populações animais causa um impacto maior ainda nos ecossistemas”, informa. “Enquanto a extinção de uma espécie é um processo lento, a extinção local de populações é um processo rápido.”

Entrevista do Portal Unesp com o professor Mauro Galetti



Para Galetti, problema ameaça futuro do próprio ser humano

Portal Unesp: Qual é a principal conclusão do artigo?

Mauro Galetti: Nosso trabalho levantou dados sobre as populações de vertebrados e invertebrados no planeta e, para nossa surpresa, não estamos vivendo apenas uma onda de extinção de espécies, mas muitas espécies estão tendo um rápido declínio populacional. Não apenas grandes mamíferos, mas muitos invertebrados estão em declínio.

PU: Por que isso é importante?

Galetti: A ciência tem se preocupado com o impacto das extinções das espécies, mas o problema também é a extinção

local de populações. Algumas espécies podem não estar globalmente ameaçadas, mas podem ser extintas localmente. Essa extinção local de animais afeta o funcionamento dos ecossistemas naturais vitais para o homem. Nesse trabalho compilamos dados populacionais de grandes mamíferos, como rinocerontes, gorilas, leões e também de invertebrados como as borboletas. Uma em cada quatro espécies de vertebrados está tendo suas populações reduzidas.

PU: Qual método foi utilizado e quais as implicações da pesquisa?

Galetti: Compilamos dados da literatura. Nosso trabalho aponta para dois pontos importantes. Primeiro, muitas populações de animais estão em rápido declínio e, segundo, os animais beneficiam o bem-estar da humanidade não apenas provendo alimento, mas polinizando e dispersando plantas, e controlando pragas e doenças. Um planeta sem fauna trará sérias consequências para nossa própria espécie.

Leia artigo completo em:
<<http://goo.gl/YxNl8L>>.

LEITURA EM AÇÃO

Editora Unesp chega à 23ª Bienal mantendo busca pela intervenção no debate científico e sintonia com as tendências atuais do mercado editorial

Cíntia Leone

Cíntia Leone



Espaço da Editora Unesp na Bienal do Livro: foco no interesse do leitor e não apenas na necessidade de publicar produção de pesquisadores da Universidade

“**P**rocuramos nos alinhar aquilo que é tendência no mercado editorial global”, afirma José Castilho Marques Neto, presidente da Fundação Editora da Unesp (FEU) e secretário-executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Assim como ele, escritores, tradutores, críticos literários, leitores e imprensa especializada que estiveram na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo tinham como foco refletir sobre o atual e incerto momento do mercado livreiro. O evento, realizado de 22 a 31 de agosto, foi permeado pelas já conhecidas profecias sobre o fim do livro de papel e das livrarias.

A editora participou da Bienal no estande da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), e entre os lançamentos se destacou *Depois de 1945*, do escritor alemão radicado nos EUA Hans Ulrich

Gumbrecht, também conhecido como Sepp Gumbrecht, que fez uma palestra durante o evento. O autor defende que o sentimento de frustração que caracterizou as gerações do pós-guerra contrasta com uma maior pujança cultural do período.

Outra novidade da Editora na Bienal foi a obra *A globalização foi longe demais?*, do economista turco Dani Rodrik, professor da Universidade de Harvard, nos EUA. “Um dos nossos diferenciais como editora universitária é que nós temos um foco no interesse do leitor e não apenas na necessidade de publicar a produção dos pesquisadores da nossa instituição”, afirma Castilho. Ele explica que esse “foco” não tem caráter puramente comercial. “Nosso público-alvo é formado por pesquisadores e estudantes, por isso publicamos o que pode ampliar o debate científico sobre um determinado tema,

um conteúdo que pode ter sido produzido na nossa Universidade ou em outras instituições”, ressalta.

Se as publicações acadêmicas se diferenciam das comerciais, a FEU também se distingue das demais editoras universitárias brasileiras. Ela é a única do país que funciona como uma fundação, ou seja, possui personalidade jurídica e certo nível de autonomia em relação ao restante da **Unesp**. De acordo com Castilho, esse modelo foi implantado em 1996, nove anos depois da criação da FEU, e se aproxima de concepções vigentes no exterior, como as editoras das universidades inglesas Oxford e Cambridge.

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Em 2013, a Editora Unesp vendeu 174.633 exemplares e teve mais de 100 mil downloads de livros digitais. Foram 227 títulos de livros de papel, sendo 152

obras em primeira impressão, 5 trabalhos inéditos feitos em coedição, 67 publicações que receberam reimpressão e 3 revistas acadêmicas. No mesmo ano, as editoras universitárias geraram cerca de 7 mil produções inéditas, segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em 2010, essa taxa era de apenas 2 mil novos livros.

Também no ano passado, de acordo com dados elaborados pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), o mercado livreiro nacional foi de quase 480 milhões de exemplares, uma variação de 10% em relação a 2012. O faturamento desse segmento no país também aumentou 7,5% no período, chegando a cerca de R\$ 5,3 bilhões. Uma parte dessa receita veio de compras governamentais, restando

na conta dos consumidores gerais R\$ 3,8 bilhões, aproximadamente. Do total, livros didáticos e religiosos representam importante fatia dessas publicações, e o principal canal de vendas é a livraria – física ou virtual – com R\$ 2,3 bilhões.

Segundo Jézio Gutierrez, editor-executivo da Editora Unesp, há espaço para crescimento de catálogo no país, porque ainda há uma quantidade significativa de obras relevantes não publicadas aqui, desde textos clássicos sem tradução no Brasil, até trabalhos de autores que foram obscurecidos e pouco explorados. “Há muita coisa esperando recursos e a paciência de um editor”, diz Gutierrez. Ele cita ações da Editora Unesp nesse sentido: a edição no Brasil da obra clássica *Enciclopédia*, dos filósofos franceses Denis Diderot e Jean le Rond d’Alembert; e a publicação de *Os Ferrões*, uma compilação do

Livraria em movimento

Estratégia tem apoio de prefeituras e dá visibilidade para loja virtual

Um trailer por fora, uma livraria de verdade por dentro, com estantes de madeira, livros no display, iluminação moderada, liberdade para folhear os títulos pelo tempo que o leitor quiser e até máquina de cartão de crédito. Em dezembro de 2012, quando a Livraria Unesp Móvel foi criada, a intenção era exatamente essa. “O interior do veículo foi projetado para transmitir a sensação de se estar dentro de uma livraria física”, explica Maria Cândida Del Masso, professora da **Unesp** em Marília e coordenadora do projeto.

O estabelecimento comercial foi criado sobre um caminhão-baú com área útil de 20 metros quadrados, que carrega em torno de 3 mil livros de diversos gêneros. No



André Louzas

Espaço montado em caminhão-baú tem área útil de 20 metros quadrados e reúne 3 mil livros

primeiro ano, foram visitados 19 municípios paulistas e Curitiba (PR). A livraria ambulante sempre volta para diferentes câmpus da **Unesp** e os centros das cidades em que

a Universidade está presente, assim como outros municípios dos arredores.

Foi para Uberaba (MG), percorreu diversas cidades do litoral paulista no verão de 2012

para 2013; e no último verão foi para São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos (RJ). “A cidade de Cubatão foi uma grata surpresa pra nós, teve uma grande adesão, principalmente

da população mais pobre”, lembra Cândida, que destaca que a ação tem grande apoio das prefeituras locais.

A atual excursão da livraria, que deve durar até dezembro, visita universidades. No final de agosto, a loja esteve na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, e entre setembro e outubro visitará a Universidade Federal do ABC. “A Livraria Móvel ajuda a divulgar a loja virtual. Quando o cliente busca um livro que não está na estante, ele pode consultar o catálogo da editora em um computador que fica no local e fazer a compra on-line”, diz a professora, que destaca que a ação também serve para informar alunos e funcionários da **Unesp** sobre descontos e lançamentos.

jornal homônimo fundado pelo abolicionista José do Patrocínio, com textos satíricos sobre a sociedade brasileira do século 19 – “uma parte esquecida da história do jornalismo no Brasil”, afirma o editor. Atualmente, está em fase de preparação uma coleção de obras científicas do pensador alemão Johann Wolfgang von Goethe, mais conhecido pelo público geral por sua produção literária.

Para Gutierre, a falta de uma diversidade de publicações no Brasil é um obstáculo para a participação no diálogo científico mundial. “Nosso papel como editora acadêmica é intervir no debate internacional, para que as discussões aqui não estejam aquém do que está sendo pensado no exterior, nem sejam subservientes às fontes estrangeiras”, diz. Segundo ele, a Editora Unesp cumpre um papel de difusor científico e seu catálogo é pensado para contemplar concepções originais sobre temas em transição no mundo contemporâneo, como o Estado, os modelos econômicos, o ambiente e a educação, por exemplo.

Mas o esforço em diversificar o catálogo nacional de livros encontra barreiras culturais. Proporcionalmente ao tamanho da população, o brasileiro lê



Daniel Patire

Localizada na Praça da Sé, livraria oferece descontos para docentes e alunos da Unesp

pouco (em média, um título por ano, também segundo a CBL). E, surpreendendo as expectativas do mercado livreiro até o momento, o crescimento da quantidade de universitários no país também não contribuiu para alterar esse cenário. “Percebemos que não é uma questão de classe social nem de escolaridade”, avalia Gutierre.

O problema parece não ser só brasileiro. Teóricos como o francês Michel Desmurget, autor do *TV Lobotomie* (Max Milo Editions, 2012), livro sem tradução no Brasil, argumentam que um maior consumo de produtos audiovisuais

nas últimas décadas, sobretudo programas de televisão, pode ter retirado das pessoas parte da familiaridade com a leitura.

Castilho ressalta que, no setor em que a FEU atua, essa realidade é mais preocupante. “Os livros da Editora Unesp são textos que exigem mais reflexão porque são obras acadêmicas, inseridas num contexto de maior densidade intelectual”, comenta.

Outra preocupação do varejo é o número de livrarias, que encolheu 12% no país de 2011 a 2012, segundo a Associação Nacional de Livrarias (ANL). Ao

publicar os dados, a entidade afirmou estar temerosa com a diminuição do que chama de “bibliodiversidade brasileira”, causada, segundo a ANL, pela concentração das lojas de livros nas mãos de poucos grupos comerciais.

MORTE OU VIDA SEVERINA?

Em 2010, durante o II Congresso Internacional do Livro Digital da Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo, o editor Bob Stein, fundador do Instituto para o Futuro do Livro, com sedes em Nova York e Londres, disse à

audiência quando foi perguntado sobre o futuro das editoras convencionais: “Que tenham uma morte digna!”.

Jézio Gutierre estava na plateia formada por editores brasileiros de diferentes segmentos e lembra o episódio com humor, embora discorde do “vidente”. “Não há dados nem séries históricas para fazer uma previsão sólida”, afirma.

“No momento, há um alinhamento entre o livro de papel e o suporte digital, e preparamos a Editora para viver esse equilíbrio”, declara Castilho. Ele enfatiza o pioneirismo da editora da Universidade em relação ao livro digital, quando lançou em 2010 uma coleção nesse formato – a Propg-FEU Digital, com 44 obras para download gratuito. Hoje, há 361 e-books no catálogo, 75 pela Editora Unesp, e 286 sob o selo Cultura Acadêmica. Somando os dois selos, foram 73 lançamentos nessa categoria no ano passado e, até maio de 2014, 57 novos livros digitais foram criados. Todos podem ser adquiridos gratuitamente.

Embora a ideia de que o livro físico será “canibalizado” pelo digital continue a ser promovida pela mídia, Gutierre defende uma outra interpretação. Na Inglaterra e nos EUA, as livrarias tiveram recuo das vendas desde

2009, enquanto os e-books dispararam, atingindo 30% do total, o que poderia sugerir que este modelo estava sendo predador do primeiro. Entretanto, a venda de livros convencionais nesses mesmos países cresceu em 2013. “Já há estudos científicos tentando entender o que ocorreu. A teoria mais popular é a de que a queda do setor tradicional estava relacionada com a crise econômica internacional, que derrubou o consumo de um modo geral”, diz.

Empresários do setor de livros físicos comemoraram esse “alívio” em 2013, como o escocês James Daunt, chefe da maior rede de livrarias do Reino Unido, a Waterstones, para quem as mudanças no setor “não se deram na velocidade e nem da forma que muitos preconizavam”. “A chegada de novidades eletrônicas como tablets, kindles e outros leitores digitais estimulou o consumidor, mas esse efeito de novidade passou, e a tendência é a estabilização”, argumenta Castilho.

ADMIRÁVEL E-BOOK NOVO

De acordo com a Fipe, os livros digitais experimentaram crescimento alto nos dois últimos anos (o faturamento de 2013 superou em 225% o do ano anterior), mas, segundo Gutierre,



André Louzas

Prédio onde funciona a Editora: estímulo ao debate científico

isso se deve ao fato de que esse nicho praticamente não existia no país. Conforme o mesmo levantamento, os e-books ainda não passam de 2% das edições nacionais (30 mil títulos com 889.146 exemplares vendidos em 2013, quando o país vendeu quase meio bilhão de livros de papel).

Independentemente do

quão grande será o setor de livros digitais no Brasil, para a Editora Unesp ele cumpre um papel fundamental, que é o de facilitar o diálogo científico, conforme explica Castilho.

“Uma das funções de uma editora universitária é difundir a produção dos intelectuais da instituição, o que o suporte

digital faz com um desempenho incomparável”, afirma. “As obras de pesquisadores da Unesp ficaram mais acessíveis, acessadas e citadas. Foram baixadas em todas as regiões do país e em lugares onde não há livrarias”, diz Gutierre, revelando o esforço da Editora Unesp para a disponibilização em massa de títulos de acesso aberto.

O editor argumenta ainda que nenhuma fatia do mercado livreiro pode ser menosprezada. “Se os e-books chegarem a representar apenas 4% ou 5% das vendas, por que não explorar esse percentual de leitores?”

Nesse sentido, a editora teve que se especializar e está disponibilizando em livros eletrônicos em formato e-pub materiais que antes eram preparados apenas em formato PDF (o novo modelo é o mais adequado para equipamentos de leitura).

DO CONTRATO SOCIAL

O público encontra os livros digitais da Editora Unesp nos próprios sites da empresa e também em portais específicos para publicações acadêmicas, como a Scielo Livros. De acordo com Gutierre, para marcar mais presença nesse setor, está sendo promovida a associação a grandes distribuidores de livros

eletrônicos, como Amazon, Google e Kobo. Embora no exterior a relação dos editores com esses grupos seja tensa, sobretudo pelas políticas dessas companhias para definição de preços, na Editora Unesp as negociações seguem em relativa tranquilidade, segundo o editor-executivo.

“Como as receitas digitais no Brasil ainda são pouco relevantes comercialmente, não há motivo para discórdia. Mas nós achamos que vamos chegar a um patamar maior no futuro e por isso estamos nos precavendo agora e fechando os contratos”, explica. Essas companhias não aceitam conteúdos gratuitos, e por isso, segundo revela Gutierre, essa associação representará uma nova estratégia de inserção comercial dos e-books da Editora. Os livros de acesso aberto continuarão a ter distribuição pelos canais atuais, e outras obras comercializadas somente como mídia física poderão ganhar uma versão eletrônica, enquanto outras estarão à venda apenas como e-pub.

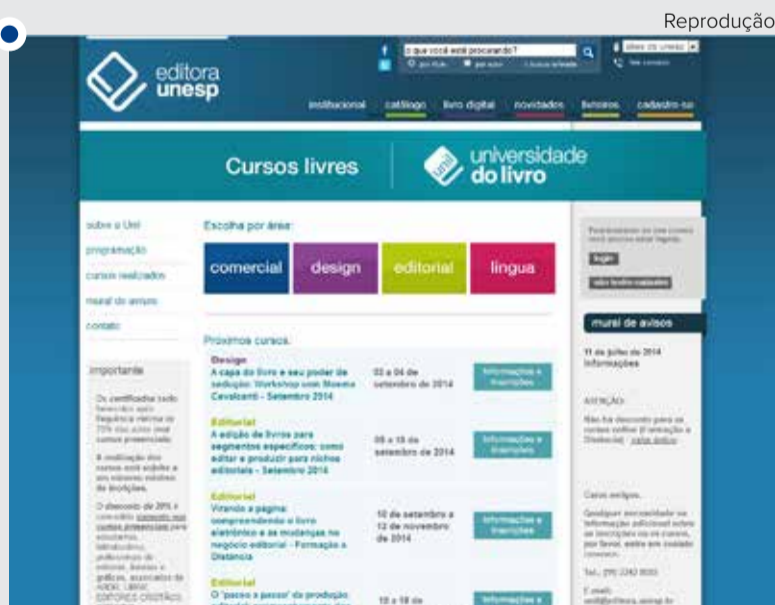
Saiba mais sobre a Editora Unesp em <http://www.editoraunesp.com.br/>.

Uma aprendizagem

Universidade do Livro oferece há 16 anos profissionalização no setor editorial

O barateamento dos custos de produção de um livro, principalmente por conta da popularização de ferramentas de editoração digitais, ampliou o mercado livreiro no Brasil e trouxe muitos profissionais para a área. Por outro lado, muitos desses novos editores não tinham experiência nem conhecimento técnico e inundaram o mercado com materiais de baixa qualidade. Segundo palavras do professor João Luís Cardoso Tápicas Ceccantini, esse era o cenário de 16 anos atrás, quando a Universidade do Livro (Unil) foi criada exatamente para frear uma onda “mambembe” no setor livreiro do país.

“De uma hora para outra, qualquer pessoa, com investimento relativamente



Reprodução

Site da Unil: cursos livres facilitam conexão com profissionais

baixo, passou a poder imprimir livros, mas havia muita improvisação e isso era muito ruim para o mercado como um todo”, afirma

Ceccantini, que é professor de Letras da Unesp em Assis. “Percebemos que alguns desses profissionais tinham uma lacuna de formação.

Outros, mais experientes, precisavam se atualizar para tentar entender esse momento totalmente novo que as publicações estavam vivendo, enquanto nós da Editora Unesp queríamos manter esse diálogo permanente com o mercado editorial.”

Segundo o professor, as questões que levaram à criação da Unil permanecem as mesmas que motivam as atividades atualmente. Também o perfil dos alunos dos cursos não mudou muito: capistas, ilustradores, profissionais das letras, da biblioteconomia. Ceccantini acredita que a adoção do formato de cursos livres foi o que permitiu manter essa conexão com esses profissionais. “Um curso de pós-graduação ou mesmo

uma disciplina em áreas de graduação não permitiria agilidade e objetividade, que é fundamental para quem já está trabalhando na área”, explica. Os horários dos cursos e a adoção de modalidades de formação a distância também buscam atender esse perfil de estudantes.

Este ano, a Unil iniciou uma parceria com a entidade que promove a Feira do Livro de Frankfurt, a Ausstellungen und Messe-GmbH (AuM). A cooperação já resultou em dois cursos: Novos Modelos de Negócios, realizado em agosto, e Internacionalização do Negócio do Livro, oferecido em setembro. Informações sobre esses e outros cursos podem ser conferidas em <http://www.editoraunesp.com.br/unil/>.

Como Marte se formou

Equipe internacional liderada pela **Unesp** propõe novo modelo sobre gênese do planeta

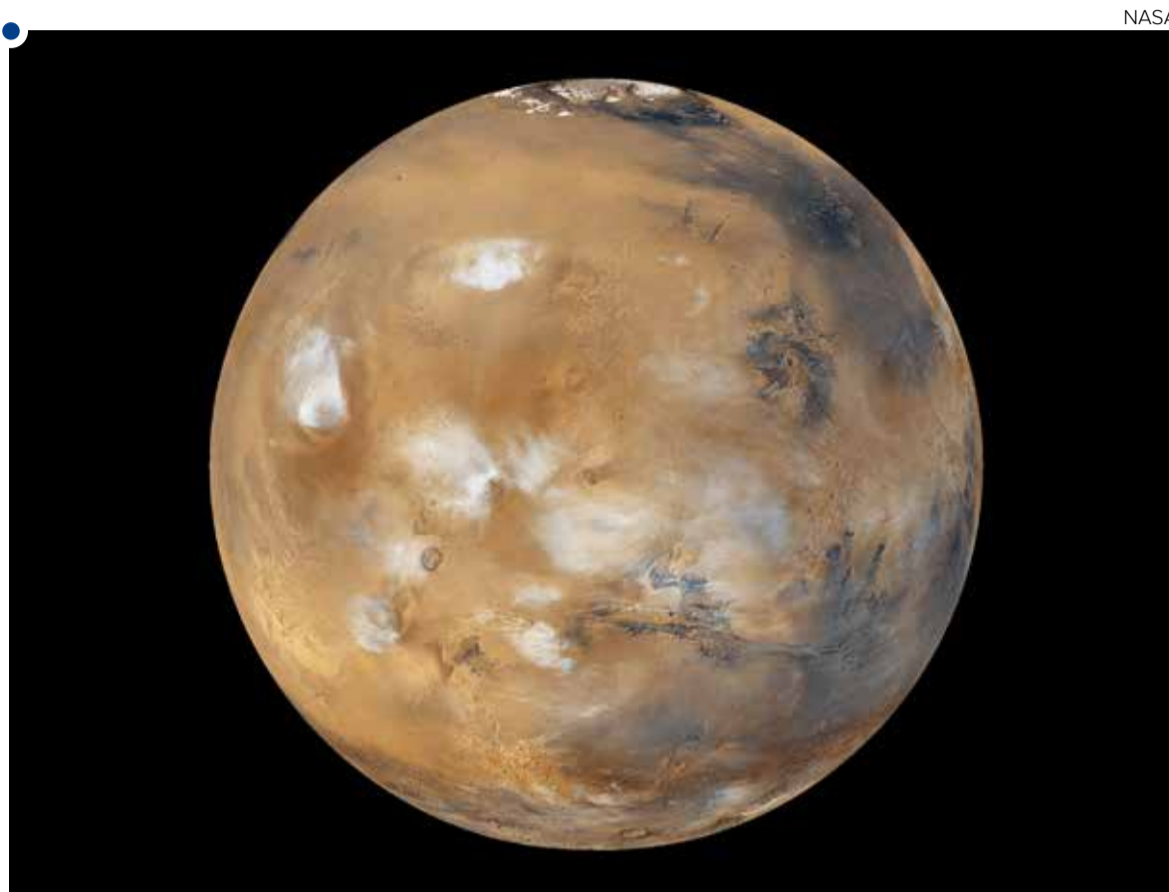
Elton Alisson, Agência Fapesp

Os modelos de formação dos planetas rochosos do Sistema Solar desenvolvidos nas últimas duas décadas têm sido bem-sucedidos na explicação da origem de Vênus e da Terra – com tamanho similar – e de Mercúrio, que tem apenas 5% da massa da Terra.

As simulações computacionais de alta resolução, no entanto, ainda não permitiram explicar como Marte se formou nem por que o planeta tem apenas 10% da massa da Terra.

Uma equipe de astrônomos do Brasil, dos Estados Unidos, da Alemanha e da França e liderada pelo Grupo de Dinâmica Orbital & Planetologia da **Unesp**, Câmpus de Guaratinguetá, realizou recentemente uma série de simulações demonstrando que o tamanho de Marte pode estar relacionado à densidade da nebulosa protossolar – a nuvem de gás e poeira que deu origem ao Sistema Solar – na região orbital do planeta.

Resultado do Projeto Temático “Dinâmica orbital de pequenos corpos”, realizado com apoio da Fapesp, o estudo foi descrito em um artigo publicado em fevereiro no *The Astrophysical Journal*, da American Astronomical Society.



A partir de simulações computacionais, grupo explica por que Marte tem 10% da massa da Terra

“A maioria das simulações de formação dos planetas terrestres do Sistema Solar não consegue gerar um objeto do tamanho e na órbita de Marte, que está a 1,5 unidade astronômica [UA, equivalente a aproximadamente 150 milhões de quilômetros] de

distância do Sol”, disse Othon Cabo Winter, pesquisador do grupo de Guaratinguetá e coordenador do projeto, à Agência Fapesp. O pesquisador é coautor do artigo ao lado de André Izidoro, que atualmente realiza pós-doutorado no

Observatoire de la Côte d’Azur (OLCD) em Nice, na França.

MODELO ALTERNATIVO

Os pesquisadores brasileiros, em cooperação com colegas do OLCD, além do Instituto de Astrobiologia da Agência Espacial Norte-

americana (Nasa) e do Instituto de Astronomia e Astrofísica da University of Tübingen, na Alemanha, realizaram uma série de simulações do fluxo de gás e poeira dentro da nebulosa protossolar.

As simulações sugerem que o material fluiu em direção ao Sol. Na região entre 1 e 3 UAs do Sol, a nebulosa protossolar pode ter sofrido perda ou redução (depleção) de matéria equivalente a entre 50% e 75% de sua densidade.

A perda desse volume de “blocos de construção planetários” pela nebulosa protossolar nessa região, próxima da órbita de Marte, teria causado a redução da massa final de Marte e o crescimento da Terra e de Vênus.

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES

Na avaliação de Winter, o novo modelo fechou uma lacuna que havia no modelo de formação do Sistema Solar, indicando que o perfil de densidade de massa da nuvem protossolar não era uniforme e sofreu depleções. O modelo também poderá contribuir em pesquisas na área de astrobiologia, relacionadas a objetos vindos de Marte em direção à Terra, além de estudos de planetas extrassolares, afirmou.

Origens de objetos celestes

Estudo reformula ideias sobre surgimento de grupo de asteroides do Sistema Solar

No principal cinturão de asteroides do Sistema Solar, localizado entre Marte e Júpiter, há um pequeno grupo de objetos celestes chamados asteroides de tipo V. São supostamente fragmentos do asteroide Vesta, o segundo objeto com maior massa do cinturão. Nos últimos anos, foram identificados outros 127 objetos candidatos a asteroides de tipo V.

Um estudo realizado por pesquisadores da **Unesp** de Guaratinguetá, em colaboração com colegas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), da Universidade de Namur, na Bélgica, do Observatório de Paris e da Universidade Pierre e

Marie Curie, ambos na França, demonstrou que esses novos asteroides de tipo V no cinturão principal podem ser derivados de outros asteroides diferenciados, que não o Vesta.

Corpos celestes diferenciados são aqueles que passaram por processos que dividiram sua estrutura em camadas geológica e quimicamente diferentes entre si e possuem crosta basáltica, manto e núcleo.

Os resultados da pesquisa, feita no âmbito do projeto “Mobilidade orbital causada por encontros próximos com mais de um asteroide massivo”, apoiado pela Fapesp, **serão publicados** na revista *Monthly Notices of the Royal*

Astronomical Society (MNRAS).

“Se conseguirmos saber qual é o número mínimo de objetos diferenciados que originaram esses novos asteroides, será possível entender melhor a origem e evolução dinâmica deles”, avalia Valério Carruba, professor da **Unesp** e primeiro autor do estudo, à Agência Fapesp.

Os pesquisadores propuseram a divisão do cinturão principal central em três regiões onde estão situadas famílias de asteroides associadas à formação de objetos de tipo V: Hansa; Eunomia; e Merxia e Agnia.

Ao fazer essa divisão, os pesquisadores constataram que os asteroides de tipo V originados

por essas famílias “respeitam o perímetro” no qual estão situados.

Os pesquisadores também demonstraram no estudo que três fontes diferentes de asteroides, como a de Eunomia, de Merxia e Agnia e de Hansa, são suficientes para criar populações de objetos do tipo V no cinturão principal central, onde se estima que existiu pelo menos mais um corpo diferenciado, além do Vesta.

Os modelos de formação desses objetos diferenciados são baseados em parâmetros ainda não bem conhecidos, como o tamanho mínimo para fazer a diferenciação, as dimensões da região em que foram formados e a eficiência com a qual foram espalhados para o

cinturão principal.

Segundo esses modelos, o número de objetos diferenciados que poderiam ter chegado ao cinturão principal varia de dois a algumas centenas. Segundo Carruba, “estabelecer limites sobre esses números pode nos ajudar a entender melhor os cenários que levaram à formação do Sistema Solar”. **(EA)**

A versão do artigo *Dynamical evolution of V-type asteroids in the central main belt*, de Valério Carruba e outros, pode ser lida em arxiv.org/abs/1401.6332.

Unesp entre 400 melhores do ranking de Xangai

Universidade melhora posicionamento na esfera nacional e mantém colocação na classificação mundial

A **Unesp** está entre as 400 melhores universidades do mundo, de acordo com o ranking da Universidade Jiao Tong, de Xangai, publicado dia 15 de agosto. Manteve assim a posição que ocupa desde 2010. Na esfera nacional, está na faixa que abrange as posições 2-5, melhorando a posição anterior, que era na faixa 3-5.

Das seis instituições brasileiras na lista, a melhor colocada é a USP, que aparece na faixa entre as posições 101 e 150. É a única da América Latina entre as 150 melhores do mundo.

As instituições de ensino superior do Brasil no "Top 500 de Xangai" são a Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a **Unesp** e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), todas na faixa entre as posições 301 e 400, no âmbito mundial, e 2-5, no nacional. Em seguida vem a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre as posições 401 e 500 na faixa mundial, sendo a sexta na escala nacional.

Veja dados sobre a **Unesp** em: <http://goo.gl/f0UwPH>.

Veja dados sobre o ranking: <http://goo.gl/ijeRfk>.

AS 20 MELHORES UNIVERSIDADES DO MUNDO EM 2014, DE ACORDO COM A CLASSIFICAÇÃO DE XANGAI

1. Universidade Harvard (EUA)	14. Universidade da Califórnia - San Diego (EUA)
2. Universidade Stanford (EUA)	15. Universidade de Washington (EUA)
3. Instituto Tecnológico de Massachusetts - MIT (EUA)	16. Universidade da Pensilvânia (EUA)
4. Universidade da Califórnia - Berkeley (EUA)	17. Universidade Johns Hopkins (EUA)
5. Universidade de Cambridge (Reino Unido)	18. Universidade da Califórnia - São Francisco (EUA)
6. Universidade de Princeton (EUA)	19. Instituto Federal de Tecnologia da Suíça - Zurique (Suíça)
7. Instituto Tecnológico da Califórnia - Caltech (EUA)	20. Universidade College London (Reino Unido)
8. Universidade Columbia (EUA)	101-150. Universidade de São Paulo (USP/Brasil)
9. Universidade de Chicago (EUA)	301-400. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)
10. Universidade de Oxford (Reino Unido)	301-400. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Brasil)
11. Universidade Yale (EUA)	301-400. Universidade Estadual Paulista (Unesp/Brasil)
12. Universidade da Califórnia - Los Angeles (EUA)	301-400. Universidade Estadual de Campinas - (Unicamp/Brasil)
13. Universidade Cornell (EUA)	401-500. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil)

Biodiversidade une Unesp e Finlândia

Marcos Jorge

T rês propostas da **Unesp** foram contempladas em uma chamada relacionada ao tema da biodiversidade e do uso sustentável de bens naturais, publicada no final de 2013. Os projetos terão duração de quatro anos, deverão envolver a cooperação com instituições finlandesas e serão financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pela Academy of Finland (AKA).

Um dos projetos selecionados se destina ao estudo da biodiversidade de riachos, proposto pelo professor Tadeu de Siqueira Barros, do Instituto de Biociências (IB), Câmpus de Rio Claro, e pelo professor finlandês Jani Markus Heino, da Universidade de Oulu.

O professor Milton Cezar Ribeiro, também do IB/Rio Claro, teve aprovada uma proposta em parceria com o professor Otso Vaskainen, da Universidade de Helsinki. Eles deverão desenvolver métodos inovadores de monitoramento de biodiversidade, para análise de



Equipe do professor Tadeu de Siqueira Barros durante coleta

dados colhidos na Mata Atlântica, na Amazônia e no Pantanal.

O terceiro projeto se volta para o mapeamento e monitoramento de biodiversidade usando o conhecimento finlandês no mapeamento de florestas por meio de veículos aéreos não

tripulados (Vant), também chamados de drones. A iniciativa envolve o professor Antônio Maria Tommaselli, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Câmpus de Presidente Prudente, e o professor Juha Hyypä, do Finnish Geodetic Institute.

Parceria com a Coreia

A **Unesp** assinou um acordo de parceria com a Sung Kyun Kwan University (SKKU), da Coreia do Sul. Pelo convênio, as instituições podem promover o intercâmbio de professores, pesquisadores e estudantes, além do desenvolvimento de pesquisas conjuntas. A assinatura dos documentos foi feita durante reunião realizada na Reitoria, em São Paulo, capital, no dia 4 de agosto.

O encontro contou com a comitiva da SKKU, formada pelo reitor Jun Young Kim, pela secretária do Escritório de Internacionalização, Hyejung Kong, e pelo representante do Centro de Educação Coreana em São Paulo, Han Jung. Por parte da

Universidade paulista, Marilza Vieira Cunha Rudge, vice-reitora no exercício da reitoria, José Celso Freire Júnior, assessor-chefe de Relações Externas, Carlos Vergani, assessor de Apoio à Cooperação, e Maria Carolina Batisteli de Mello, da Assessoria de Relações Externas (Arex), receberam os visitantes.

"As parcerias fortalecem as duas instituições e suas pesquisas", disse o reitor Kim. Ele ressaltou que a universidade coreana possui programas para estudantes e pesquisadores visitantes.

Por sua vez, Marilza e o professor Freire Júnior destacaram o aumento do impacto dos artigos feitos com autores de diferentes países e instituições, refletindo na maior visibilidade das pesquisas desenvolvidas.



O reitor Kim e a vice-reitora Marilza assinam acordo

Docente recorda Rubem Alves

A morte de Rubem Alves, no dia 19 de julho, causou impacto em todo o país. Filósofo, teólogo, psicanalista e professor, ele produziu uma obra de grande influência, principalmente entre educadores do Brasil e do exterior.

Entre seus muitos admiradores está Maria Aparecida Viggiani Bicudo, professora titular aposentada de Filosofia da Educação no Instituto de Geociências, Ciências Exatas, Câmpus da Unesp de Rio Claro e pró-reitora de Graduação da Universidade de 1993 a 2001. No caso da docente, essa admiração nasceu do rico contato pessoal que tiveram entre os anos de 1969 e 1974, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, mais tarde incorporada à Unesp.

Maria Aparecida recorda que, na época, ela e Maria Lucia Spedo Hisdorf, recém-contratadas como docentes do ensino superior, eram responsáveis pela cadeira de Filosofia e História da Educação e pelos cursos de Filosofia, Filosofia da Educação e História da Educação. Em início de carreira, elas receberam com animação a contratação de Rubem Alves, que havia pouco terminara seu doutorado em Princeton, nos Estados Unidos.

"Foi um convívio excelente", comenta a professora. "Ele estava sempre disponível para conversar e para contribuir com o que estávamos estudando", acrescenta, ressaltando que essa boa disposição também se estendia para os alunos dos cursos de Ciências Sociais e Pedagogia.

Maria Aparecida estava então produzindo seu trabalho de doutorado, voltado para um novo enfoque da orientação educacional, que enfatizava o diálogo e a relação entre professor e aluno. Inicialmente, ela tinha como referência básica a perspectiva psicológica elaborada por Carl Rogers. "O Rubem



Maria Aparecida e o pensador foram colegas em Rio Claro

Alves ajudou a enriquecer meus estudos, me apresentando a obra de Martin Buber, um autor que acrescentou uma perspectiva filosófica ao tema do diálogo, que eu estava pesquisando", esclarece.

Em 1974, Rubem Alves desligou-se da faculdade de Rio Claro e ingressou na Unicamp. Mas o respeito e o afeto de Maria Aparecida pelo educador se mantêm até hoje. Esses sentimentos se evidenciaram num artigo da professora publicado no início de agosto no *Portal Unesp*, que termina com uma frase emocionada: "Acredito que muitos me acompanharão ao dizer 'Obrigada, Rubem, por ter existido!'".

Leia o artigo da professora Maria Aparecida no *Portal Unesp*, no endereço: <http://goo.gl/WYDeuV>.

O sucesso da Robocup

Assim como na Copa do Mundo de Futebol, a participação da equipe do Brasil na Robocup, a competição internacional de robótica, não foi das mais animadoras. No entanto, o evento, que aconteceu em João Pessoa, na Paraíba, entre 19 e 25 de julho, foi um sucesso em termos de público.

"Esperávamos cerca de 60 mil visitantes e ficamos surpresos com a visita de quase 100 mil pessoas", comemora Alexandre da Silva Simões, vice-coordenador executivo do Câmpus de Sorocaba e um dos três coordenadores gerais da competição. Simões resalta que o encontro recebeu caravanas de cidades de todo o Nordeste e de outros pontos do país.

Com isso, o docente considera atingido o principal objetivo da competição, em sua versão brasileira: divulgar a robótica no país. "A robótica será um dos grandes mercados de tecnologia", argumenta. "E os jovens deveriam ter essa área como futuro campo de atividade profissional."

Para Simões, a organização da Robocup foi o maior desafio de sua carreira em matéria de preparação de um evento. O especialista já tinha participado de diversas competições desse tipo, como a Latin American Robotics Competition, as Olimpíadas Brasileiras de Robótica e a Mostra Nacional de Robótica.

A Robocup envolveu 17

modalidades de disputa, entre as quais a dança de robôs. No entanto, a atividade mais popular foi o futebol de robôs, que por sua vez se dividia em várias categorias, como protótipos que se movem com rodinhas ou com pernas semelhantes às humanas, além dos diferentes tamanhos. Em todos os casos, os dispositivos utilizam inteligência artificial e tomam suas próprias decisões, dispensando o controle remoto.

Simões acentua que a proposta dos organizadores é, até 2050, desenvolver um time de robôs capaz de vencer qualquer equipe formada por seres humanos. "Nossa referência em termos de inteligência artificial é o supercomputador Deep Blue, que venceu o campeão mundial de xadrez Garry Kasparov em 1997", afirma o professor.



Simões foi um dos três coordenadores gerais do evento

SEMPRE UNESP

Informação on-line para o agricultor

Divulgação



Leal é responsável pelo conteúdo do portal *Fala Campo*

O portal *Fala Campo* (www.falacampo.com.br)

tem o objetivo de transmitir conhecimento para o setor agrícola, por meio de notas técnicas, publicações de pesquisas, vídeos e serviços. "O maior desafio é a popularização da ciência, tornando aquilo que é científico acessível a pessoas com menos instrução e com um

reflexo nas práticas cotidianas no campo", diz o administrador de Conteúdo do portal, Fábio Tiraboschi Leal.

Leal é mestrando em Agronomia no Programa de Produção Vegetal da Unesp de Jaboticabal, onde se graduou em Engenharia Agrônoma, em 2012. Membro do Grupo de Pesquisa Gemas (Grupo de Estudo em Manejo do

Solo) desde 2013, sua atuação na área se volta para o uso e manejo de fertilizantes e corretivos da acidez do solo.

Para ele, a Unesp apresenta uma boa estrutura e um corpo docente qualificado. "O curso de Agronomia é muito amplo e possibilita diversas atuações no mercado de trabalho", comenta. "O aluno formado, portanto, pode atuar ao longo

de toda a cadeia produtiva."

Na sua avaliação, algumas iniciativas que já vêm sendo feitas, como a integração entre as empresas e a Universidade, precisam ser intensificadas. "Isso permitiria que os profissionais recém-formados na Universidade fossem mais facilmente alocados no mercado de trabalho", conclui.

Um paquistanês que gostou do Brasil

Permanência de aluno deveria terminar em fevereiro de 2015, mas ele deseja estender estadia

Marcos Jorge

Há quatro meses na cidade de Araraquara, o paquistanês Syed Sikandar Shah desenvolve um projeto de doutorado voltado para a recuperação de alumínio a partir de resíduos industriais utilizando microrganismos, processo chamado lixiviação bacteriana ou biolixiviação.

Syed Shah chegou ao Instituto de Química da **Unesp** após ser contemplado com uma bolsa fornecida pela parceria entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Academia de Ciências para os Países em Desenvolvimento (TWAS).

A bolsa de doutorado completo prevê a permanência do paquistanês no Brasil até fevereiro

de 2018, mas o aluno já tem planos de estender a estadia. “Eu acho que não quero voltar para o meu país tão cedo. Eu gosto muito do Brasil e gostaria de dar aulas em alguma instituição de ensino superior brasileira”, enfatiza Syed Shah, que em Araraquara é mais conhecido como Alexandre, uma espécie de apelido que adotou após notar a dificuldade que os colegas tinham para entender seu nome.

No momento, Alexandre se dedica principalmente ao aprendizado do português e às primeiras etapas do seu projeto: coleta de amostras e de microrganismos. No próximo ano, ele pretende focar nas aulas e em seguida se dedicar integralmente ao seu projeto de pesquisa.



Syed Shah, mais conhecido como Alexandre, pesquisa recuperação de alumínio com microrganismos

Divulgação

Boas-vindas aos ibero-americanos

Daniel Patire

A Pró-reitoria de Pós-Graduação (Propg) recebeu, no dia 4 de agosto, nove estudantes de doutorado de países ibero-americanos. Eles serão bolsistas da **Unesp** nos próximos quatro anos, por meio do Programa de Apoio a Estudantes de Doutorado do Exterior (Paedex).

O Paedex é oferecido pela Propg em parceria com a Associação Universitária Ibero-Americana de Pós-Graduação (AUIP). Para essa quarta edição do programa, os bolsistas foram selecionados entre 79 candidatos de nove países da América Latina e da Espanha.

Segundo o pró-reitor de Pós-Graduação, Eduardo Kokubun, as vagas são preferenciais para os professores e pesquisadores das instituições que fazem parte da associação, ou com as quais a Universidade tem convênios e parcerias. “Ao estreitar esses vínculos regionais, a **Unesp** – a exemplo do Brasil – pode servir de elo também entre esses pesquisadores e países mais desenvolvidos”, salienta.

Entre os novos doutorandos unespianos, há cinco colombianos, dois cubanos, uma nicaraguense e um hondurenho. Jazmina Carolina Reyes Andrade, da Universidade Nacional Autónoma de Nicarágua, integrará o Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia,



Kokubun (de terno) entre os estudantes de doutorado: vínculos regionais são fortalecidos

do Câmpus de Araraquara. “As investigações nessa área em meu país estão em fase inicial”, diz.

Envolvida com pesquisas de produtos naturais para produção de medicamentos, a cubana Celia Magaly Casado Martín será bolsista no Programa de Ciências Farmacêuticas, também do Câmpus de Araraquara. Professora da Universidade de Havana, ela

viu no Paedex a oportunidade de estudar em uma das melhores universidades do Brasil.

PROGRAMAS DE EXCELÊNCIA

Os programas de pós-graduação da **Unesp** oferecidos no edital para os estudantes estrangeiros são os avaliados com conceitos 5, 6 e 7 (nota máxima) pela

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Neste ano, 64 programas de pós-graduação participaram do edital. Nos editais anteriores, haviam participado 52. O aumento na oferta é condizente com a melhora na avaliação da pós da **Unesp** pela Capes, de acordo com o pró-reitor Kokubun.

Bolsas de intercâmbio

A mestranda Caroline Rodrigues Basso e o doutorando Bruno Pereira Crulhas, alunos do programa de Pós-Graduação em Biologia Geral e Aplicada do Instituto de Biociências (IB) da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, foram selecionados para realizar intercâmbios em universidades norte-americanas.

Caroline foi contemplada com a Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e realiza treinamento na Auburn University, no Alabama.

O seu estudo visa desenvolver um nanobiossensor para determinação de *Escherichia coli* por meio de macrófagos (células do sistema imunológico formadas em resposta a agentes estranhos).

Já Crulhas recebeu bolsa do programa Ciência sem Fronteiras para um doutorado sanduíche na University of California, Davis (UCDavis). O foco do projeto do doutorando é a detecção de subprodutos liberados por células cancerígenas.

Os pós-graduandos são orientandos do professor Valber de Albuquerque Pedrosa, do Departamento de Química e Bioquímica do IB. “Os intercâmbios de alunos de pós-graduação irão evidenciar ainda mais o potencial da **Unesp** em relação à pesquisa”, destaca Pedrosa.

Daniel Patire

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Agência participa de feira de produtos para reabilitação



Realizado em São Paulo, entre 13 e 15 de agosto, o evento Reabilitação Feira + Fórum registrou a participação de cerca de cem empresas do Brasil e do exterior. A proposta desse encontro anual é criar oportunidades de negócios para profissionais de saúde dedicados à prevenção, atendimento, reabilitação e inclusão de pessoas com deficiência.

A Agência Unesp de Inovação (AUIN) participou da feira, após um convite feito

pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Associação Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia (Fortec). A associação destinou espaço para as agências de inovação exporem seus produtos no evento.

O professor Antonio de Pádua de Lima Filho e o aluno de mestrado Aurasil Ferreira Garcia Junior, ambos do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de

Engenharia, Câmpus da Unesp de Ilha Solteira, apresentaram projetos dedicados à reabilitação e inclusão de pessoas com deficiência.

Eles levaram ao encontro protótipos de um triciclo elétrico que aumenta a mobilidade de pessoas com dificuldades de locomoção, um dispositivo tipo esqui para fisioterapia de paraplégicos e mobiliário de estudo para deficientes, incluindo uma mesa para microscopia.

Ourinhos recebe selo de qualidade do Instituto Agrônomo de Campinas

Em 2014, a qualidade do trabalho realizado pelo Laboratório de Análises

Físicas da Unesp de Ourinhos foi oficialmente reconhecida pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). O laboratório recebeu o selo que atesta sua participação no Programa de Qualidade de Análise Granulométrica de Solo do IAC. A análise granulométrica destina-se a definir a quantidade das partículas físicas que compõem um solo: areia, argila e silte.

O reconhecimento aconteceu após dois anos de esforços. Em 2012, o laboratório cadastrou-se no Programa Anual de Ensaio de Proficiência do Instituto, voltado para laboratórios que realizam análises de solos para fins agrícolas, visando à melhoria da qualidade na produção de dados nessa área.

Para obtenção do selo, os laboratórios cadastrados devem enviar os resultados das amostras cegas – ou seja, sem identificação do seu conteúdo –, recebidas durante reunião anual, e atingir no mínimo um índice de excelência de 75%. “Todo mês, fazíamos a análise de amostras de solo, enviávamos os resultados para o instituto e, depois, recebíamos a avaliação sobre os nossos estudos”, esclarece a responsável pelo laboratório, a professora Maria Cristina Perusi.

A docente afirma que, em 2013, o laboratório não recebeu o selo, pois ainda estava em



Divulgação

O assistente Jakson e as docentes Maria Cristina e Marcilene

processo de adequação técnica, adquirindo equipamentos e vidraria adequada. “Estávamos também nos adaptando à metodologia proposta pelo IAC”, explica. Porém, em 2014, após as mudanças, a equipe atingiu o conceito A, ficando entre os 10 primeiros laboratórios do Brasil em análise granulométrica, no ranking de classificação do IAC.

A conquista do selo garante maior confiabilidade aos dados produzidos pelos pesquisadores. “Esperamos que num futuro próximo, ao mudarmos para o novo câmpus, possamos igualmente realizar análises químicas para fins de fertilidade do solo, e estender o benefício para toda a comunidade, em especial para os pequenos agricultores”, afirma a docente.

A equipe do laboratório

envolve professores, servidores, bolsistas e voluntários. Entre seus integrantes destacam-se a professora Andréa Aparecida Zacharias, coordenadora-executiva, responsável pelos recursos financeiros; as professoras Maria Cristina e Marcilene dos Santos, encarregadas do encaminhamento burocrático e supervisão dos dados; e, especialmente, o assistente de suporte acadêmico II, Jakson José Ferreira. “Jakson merece todo o nosso reconhecimento, pelo empenho, dedicação, profissionalismo e disponibilidade em aprender novos procedimentos”, enfatiza a responsável pelo laboratório.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Rodrigo Garcia

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba),
Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da
Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto
Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-
-Araçatuba), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan
Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-
-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-
-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João
Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Silvana Artioli Schellini (FM-
-Botucatu), Maria Dalva Cesario (IB-Botucatu), José Paes de
Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre
Monteiro de Figueiredo (Dracena), Célia Maria David
(FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira
(FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues
(FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva),
Maria Cristina Thomaz (FCAV-Jaboticabal), José Carlos
Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias
(Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente),
Reginaldo Barboza da Silva (Registro),
Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre
(IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana),
José Roberto Ruggiero (Ibilce-São José do Rio Preto),
Carlos Augusto Pavanelli (ICT-São José dos Campos),
Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Rogério
Rosenfeld (IFT-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti (CLP-
São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e Danilo
Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cinthia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Edneia Silva, Elton Alisson, Leandro
Rocha e Marcos Jorge (texto); Luiz Machado (foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Fábrica de Produções
(diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola)
(diagramadores: Jéssica Teles, Mariana Büll, Marcelo
Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcatto
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 16.100 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado
mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa
(ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é
permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro,
CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>

O CRIADOR DE CÉUS

Exposição “Crepúsculos”, do artista plástico e professor Norberto Stori, revela processo em que paisagens se afastam do registro realista e se tornam imagens interiores

Oscar D’Ambrosio

Em agosto, o artista plástico Norberto Stori, professor do Instituto de Artes (IA) da Unesp, Câmpus de São Paulo, e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, realizou, na Reitoria, na capital paulista, a exposição “Crepúsculos”. A atividade se insere no Projeto 15x15, parceria entre a Unesp, por intermédio de seu Comitê de Artes e Cultura, ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária, e a Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo.

Nascido em São Joaquim da Barra (SP), em 1946, formado em Desenho e Plástica pela Faculdade de Comunicações e Artes da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e mestre e doutor em Comunicação e Artes, Stori mescla suas atividades como docente com uma intensa produção artística.

A frase “É essencial ter os pés firmemente plantados no chão para poder lançar-se ao espaço”, do pintor catalão Joan Miró, utilizada como epígrafe da tese de livre-docência *Da terra aos céus... um voo solitário*, que o aquarelista e gravador defendeu no IA, em 2001, indica bem o percurso por ele seguido.

Tudo começou com a mãe, dona de casa e bordadeira profissional, cujos trabalhos pareciam pinturas, com escolha de fios e apliques de tecidos. Da escola, Stori levava para casa pedaços de giz e passava horas desenhando no piso da lavanderia. Além disso, fazia um museu particular, colando em cadernos recortes de reportagens da revista *O Cruzeiro* sobre artistas como Van Gogh e Portinari.



Pesquisa do docente inclui cuidadosa preparação do material

AQUARELAS

Professores da rede pública foram fundamentais na sua formação. Em busca de um bom curso de artes, mudou-se para São Paulo (SP), com o objetivo de estudar na Faap e retornar a sua cidade como professor. Vivenciou, então, períodos de grande agitação política, fazendo cartazes e participando de passeatas. Também teve que ampliar suas referências e vocabulário plástico – e conseguiu premiação em salões, bolsa de estudos, atuação como estagiário de gravura e, em seguida, a oportunidade de lecionar.

Em 1976, ao participar de um encontro de artistas em Bagé (RS), começou a pintar aquarelas influenciado pela paisagem local. Foi uma experiência marcante, que o levou a viajar pelo Brasil para conhecer as luzes de regiões como Santa Catarina, Salvador e litoral e Interior paulista.

As paisagens deixaram progressivamente de ser realistas para se tornar interiores, sugerindo locais de acordo com o conteúdo visual do observador. Visões aéreas ou de cidades que estão despertando ou indo dormir são suas referências plenas de mistério, criando atmosferas diferenciadas.

Uma característica de Stori é o diálogo entre a gravura e a aquarela. Suas pesquisas universitárias são sobre a criação do spit bite, processo de gravura que utiliza a saliva para fixar o ácido nos lugares onde deseja a gravação, conseguindo manchas em dégradés como na técnica da aquarela. Em contrapartida, nas aquarelas, utiliza a ponta seca e o estilete para “agredir” o papel, abrindo frestas.

RUMO AO ABSTRATO

Muito mais intuitiva do que racional, a pesquisa do professor do IA reside num acurado processo mental, que inclui a cuidadosa preparação do material e o desafio de colocar no papel imagens criadas na própria mente. Assim, aquilo cristalizado pela observação se transforma em manchas e tonalidades de cor.

A exposição “Crepúsculos” impressiona pela forma como o caminho para o abstrato foi traçado ao longo do tempo. Para criar seus céus muito pessoais, Norberto Stori percorreu uma trajetória de persistência e inconformismo com os saberes por ele mesmo conquistados. Por isso, seu nome é continuamente lembrado quando se pensa naqueles que, apesar de dominar técnicas com maestria, não se acomodam.

O docente e artista permanece sempre em busca de novos desafios, pronto a se lançar ao espaço, em aventuras estéticas possíveis de serem atingidas com sucesso apenas por quem tem os pés bem plantados na pesquisa constante e no sólido conhecimento, numa caminhada marcada pela construção de imagens mentais que ganham expressão visual no papel.



Stori: observação transformada em manchas e tonalidades de cor

Itinerância

Se houver interesse em levar a exposição “Crepúsculos” ou outra do Projeto 15x15 para alguma unidade da Unesp ou mesmo para outras localidades, encaminhe solicitação para o e-mail <cac-l@listas.unesp.br>.